

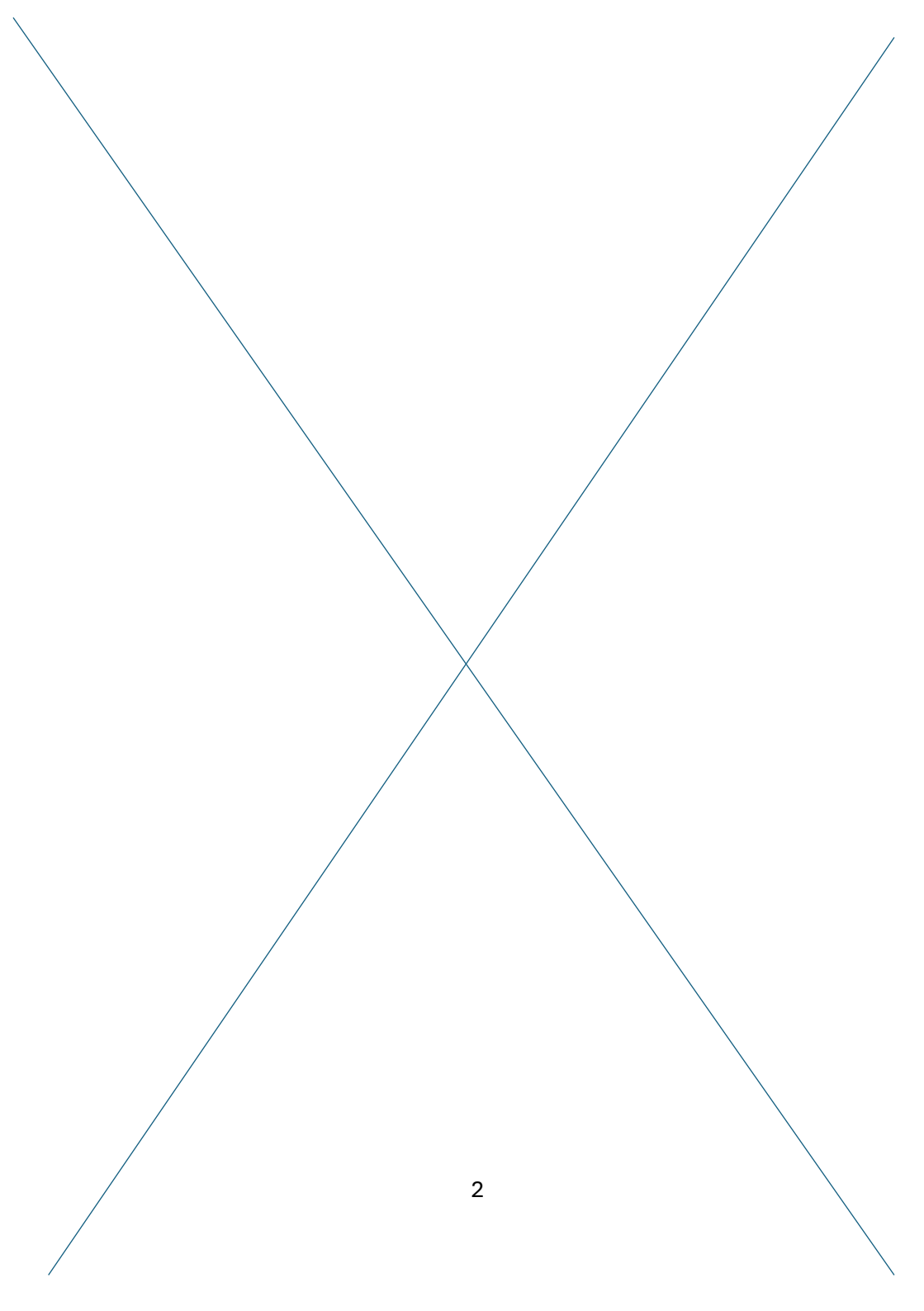
Na poeira da velha Ourinhos

91 histórias dos anos 50
nos depoimentos de
16 velhos ourinhenses



Coordenação:
Ana Lucia Chiaradia

Edição:
José Carlos Marão





Coordenação: Ana Lúcia Chiaradia

Edição: José Carlos Marão

Capa gerada por IA
Ilustrações meramente simbólicas, geradas por IA
Depoimentos recolhidos em 2026

**Este trabalho é dedicado
à memória dos velhos colegas:**

Joel Guardiano

Paulo Boca

Zé Ravicz

Marinho Branco

Mauro Ostronoff

Toninho Mantovani

Na Poeira da velha Ourinhos

Uma turma irreverente e indisciplinada, que convive desde 1956 e não criou juízo até hoje, reencontrou-se no WhatsApp e começou a relembrar de velhos “causos” dos anos 50 em Ourinhos. E surgiu a ideia dessa antologia. Não tem autores. Tem depoimentos. Foi uma criação coletiva, em 2025, do grupo “Beco do Joel”. O grupo:

Agenor Rossignoli

Alfredo de Almeida Bessa Jr.

Ana Lúcia Chiaradia

Carlos Ostronoff (Mocho)

Diógenes Ferreira

Ivone Maioral Ribeiro Pedro

José Carlos Marão

Joaquim Luiz Bessa Neto

José Luiz Devienne

Lisandre Castelo Branco

Poliana de Almeida Bessa

Valter Abujamra

Coordenação: Ana Lúcia Chiaradia

Revisão: Poliana de Almeida Bessa

Edição: José Carlos Marão

Ainda há muito o que falar

A Augusta enterrou seu único par de sapatos naquela grossa camada de lama das ruas que a gente bem conhecia. O Roberto, cantando para um cinema lotado, esqueceu a letra da música. A Vera, nos seus 7 anos, foi, eufórica, conhecer o tão falado cinema e voltou chorando porque roubaram sua bolsa. O Agenor, perseguido pela professora, pediu um segundo examinador na prova, para conseguir passar de ano.

E que importância tem isso? É apenas emoção.

Pequenos casos como esses não mudam a história. Não são dados históricos. E, se tiverem algum valor, a informação não tem o rigor exigido por documentos oficiais.

Mas, coisas assim fazem parte do nosso folclore, como as lavadeiras equilibrando trouxas de roupa pelas ruas, os cães que paravam de latir quando passava o enterro, a costureira que vestia as debutantes sem repetir um só modelo.

Ourinhos tem razoáveis documentos históricos nas bibliotecas e até nas redes. As mesmas redes permitiram juntar um valioso acervo fotográfico que traz os principais momentos destes cem anos. A história de Ourinhos parece estar bem registrada em publicações e documentos oficiais.

Mas os costumes, os hábitos, o modo de vida não cabem em documentos e nem aparecem em fotos. Esse é o propósito deste trabalho: não deixar cair no esquecimento o jeito ourinhense dos anos 50.





Uma época sob a influência da segunda guerra, que tinha acabado pouco antes. Um tempo em que os jornais chegavam de trem, com dois dias de atraso. O noticiário cinematográfico que antecedia os filmes do Cine Ourinhos era de um mês atrás.

A forte influência americana que chegava pelos filmes se misturava com a herança caipira dos primeiros moradores e criou um jeito de ser. É o que este trabalho tenta recuperar, mas está longe de ser completo. Muita gente ainda tem ótimas histórias para contar e pode contar, em uma próxima edição desta Poeira da Velha Ourinhos. Basta mandar suas lembranças para o **www.poeiraafetiva.com**.

Ainda há muito o que falar.

Ninguém falou do Tufi do cinema. Nem do Luizinho Diniz, o diretor mais divertido que já passou pelo ginásio. Ou do jardim, onde as moças andavam prá-lá-prá-cá e os marmanjos ficavam em pé na beira da calçada olhando. Não falaram das músicas oferecidas pelo alto-falante. E muito menos de um rapaz que tocava violão em um banco lá no meio da praça: um certo Ari Cristoni, que ainda não se chamava Ari Toledo.

O editor

Índice

Nossa cidade.....	011
Era assim.....	027
Verdade?.....	043
Chegaram, ficaram.....	055
O Ginásio.....	067
Outras escolas.....	085
A estação.....	097
Guerra é guerra.....	105
Curas e bênçãos.....	115
E comiam.....	125
Aconteceu.....	133
É festa.....	141
É o que contam.....	149
Escurinho do cinema.....	163
É gol! É cesta!.....	171
Personagens.....	177

Depoimentos

Testemunhas, não autores: são 16 velhos ourinhenses que emprestam suas lembranças para preservar a memória dos hábitos dos anos 50:

Agenor Rossignoli

Álvaro Fernando Saraiva

Ana Lúcia Chiaradia

Carlos Ostronoff (Mocho)

Cidinha Teixeira de Freitas

Clyseide B. Escobar Gavião

Diógenes Ferreira

Euclides Rossignoli

Hélio Herrera Mandolini

Joaquim Luiz Bessa Neto

José Carlos Marão

José Petit Rodrigues

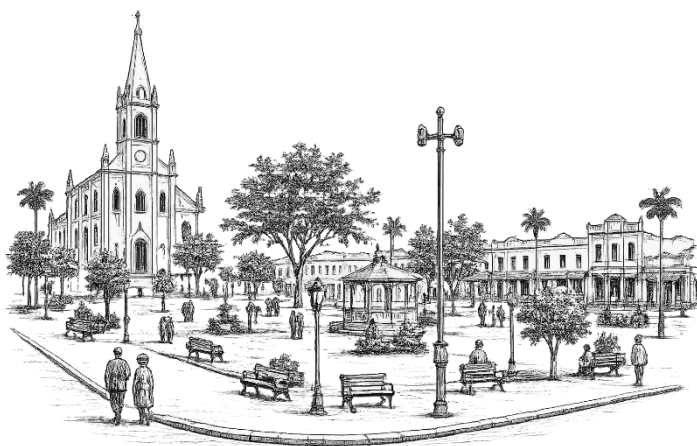
Lisandre Castelo Branco

Maria Alice Carvalho

Reginaldo Pereira Góes

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

NOSSA CIDADE



Viagem no tempo

O salto de 1959 para 2021

Ourinhos de ontem, hoje

A velha Ourinhos continua existindo

É como restaurar uma foto

Lembranças trazem de volta a velha cidade

Ourinhos, caldeirão de raças

O mundo todo reunido em uma cidade

Nossa terra era vermelha

Sem calçamento, sem calçada...

Vila Nova, vila Margarida

A vila que era um dos marcos de Ourinhos

A primeira FAPI

O evento que divide a velha e a nova Ourinhos



Viagem no tempo

José Carlos Marão

Foi como se tivesse ido dormir em 1959 e acordado em 2021, no meio de um barulhão em uma rua que, me disseram, tinha sido a rua Paraná.

Da Euclides da Cunha até a Rio de Janeiro, da São Paulo até a Monsenhor Córdova, é tudo comércio. Uma infinidade de lojas e bares que, aparentemente, estão pagando corretamente alugueis e funcionários. Uma cidade próspera, que sustenta tudo aquilo.

Revi na memória a rua Paraná, com o bar do Daniel, o bazar do Jorge, a selaria São Luís, a papelaria dos Azevedo. Desci até à Casa dos Retalhos, olhei bem para a Padaria Oriente e nem sei o que está lá agora.

Continuei pela rua Paraná, hoje o calçadão. Bar do Tide, salão do Virgílio, sede do Ourinhense. Cheguei no jardim - um jardim amarelado, sem grama - e sentei de frente para o que tinha sido a Igreja Velha. Não conseguia ver o que estava ali. Onde estão as Casas Pernambucanas, eu via o banco Comercial. Vi o bar Paratodos, a relojoaria Lisboa, o Café Paulista. Enfim, Ourinhos existe na minha memória. Aquela próspera cidade que está lá também se chama Ourinhos. Ainda não consegui conhecer. Preciso voltar.

Seguimos pela Nove de Julho, meu irmão e eu.





Pô, pintaram o Grupão de azul claro!

E subimos a Euclides da Cunha. O prédio novo do Horácio Soares está firme. Já tem uns 60 anos.

Ficamos por ali, olhando a placa, o busto do Horácio com a máscara anticovid, até que uma mocinha ali da escada ficou curiosa:

- Ex-alunos?

E os dois viajantes do tempo foram levados para dentro, com todas as honras, recebidos pelo diretor, com passeio pelas instalações. Duas peças de museu visitando um pátio, onde, acho que vi, no meio da molecada, quatro jogando truco. Imaginei o Luís Gonzaga Diniz ali.

Recebidos e tratados com muita gentileza. Falamos do nosso tempo, contamos sobre a luta pela construção do novo ginásio, mencionamos o Norival.

- *Norival?*

- Sim, era uma espécie de orientador, de líder.

- *Ah, acho que é nome de uma escola.*

- E o Gerb, o que tem feito?

- *Gerb? O que é isso?*





Em 2015, Euclides Rossignoli, no seu livro “Outras Coisas”, dizia que o progresso de Ourinhos não impede reviver, nas conversas, os hábitos e o comportamento na velha cidade. Agora, reproduzimos seu texto, que justifica esse esforço em recuperar hábitos dos anos 50.

Ourinhos de ontem, hoje

Euclides Rossignoli

Alguns daqueles amigos que viveram em Ourinhos os mágicos anos 1950 e depois se mudaram costumam dizer que a Ourinhos de hoje é outra cidade. Nem têm vontade de visitá-la. Para confortá-los, costumo dizer, invocando nosso amigo Faruk, que, na verdade, Ourinhos mudou e não mudou.

Tem muita coisa ainda por aí. O Grupão, cheio de significados, está lá, íntegro, belo. Só faltam a criançada e a baiana do tabuleiro de martelinho. Ao lado, o Teatro Miguel Cury, o antigo Cine Ourinhos.

Indo do centro para a Vila Moraes, duas instituições dos tempos remotos: o velho e bom Colégio Estadual Horácio Soares e a Santa Casa de Misericórdia. Os prédios passaram por reformas e ampliações, mas em tudo lembram nosso tempo de juventude. A Praça do Posto de Puericultura, aquela agradável praça, também continua lá com seus bancos antigos.

Eu sei que faltam outras coisas. Faltam o Café Paulista, o Bar do Tide, o Bazar do Pedrinho.





Mas a Praça Mello Peixoto continua onde sempre esteve. Dá perfeitamente para se reunir e conversar sobre tudo. Falar do dia em que um avião escreveu “Hugo Borghi” no céu da cidade. Do dia em que Ourinhos ficou paralisada com a notícia do assassinato do seu Lúcio pelo genro, o Miguelzinho dentista. Do dia em que o Thomé trepou numa escada e cortou o fio do alto-falante. Do dia em que o time do São Paulo ganhou de dez a zero do Operário. Do dia em que o trem pegou o João Serrote. Do dia em que o Gibi matou o irmão. Do dia em que o Ourinhense bateu o Fluminense por quatro a um. Na esquina da São Paulo com a Arlindo Luz continua em pé o prédio onde funcionou o Bar do Brisola e, em frente dele, a Mapeuva. Não haverá muita gente hoje que saiba o que foi a Mapeuva, aquele bar só de vitaminas.

Descendo a pequena ladeira no rumo norte encontramos ainda a velha estação ferroviária que servia de ponto de passagem, chegada e saída dos enormes trens de carga e de passageiros da Sorocabana e da RVPSC. É possível visitá-la, assim como é possível visitar o Pátio da Rede, o Grupinho, as olarias da Vila Odilon, a igreja do seminário, o local que abrigou o buracão do Toloto e até as velhas e históricas casas do final da Gaspar Ricardo.





É como colorir uma foto

Reginaldo Pereira Góis

Ourinhos era uma criança de trilhos e poeira, crescendo ao som dos apitos dos trens que cortavam o ar como veias levando vida ao corpo da cidade. O silo branco da Cargill, depois Neva, erguia-se solitário contra o céu claro, sentinela silenciosa vigiando as primeiras ruas que se infiltravam entre os cafezais.

Hoje, os trilhos ainda contam histórias pelas bocas dos netos que ouviram dos avós como era ver a fumaça das locomotivas se misturar às nuvens. Onde antes era chão batido, agora há asfalto. Onde era mato, há avenidas. Mas o coração da cidade — esse não mudou de lugar.

Ourinhos não é só uma cidade que atravessai. É a cidade que atravessa a mim. É onde os primeiros passos pisaram a terra vermelha, onde os primeiros sonhos foram embalados pelo apito distante dos trens, e é ali, sob esse mesmo céu que já foi testemunha de tanta história, que um dia quero descansar — porque amor de verdade não muda de endereço.

Tudo mudou, menos o que importa.





E talvez seja isso que uma cidade nos ensina: somos feitos da mesma matéria das fotos antigas. Perdemos o brilho, ganhamos rugas. Mas basta um olhar carinhoso, um cuidado atento, para que as cores voltem, para que a vida escondida no tempo apareça de novo, viva e pulsando.

Restaurar uma foto é, no fundo, um ato de fé: acreditar que nada do que foi amado se perde de verdade, apenas espera a luz certa para ser visto outra vez. Assim é Ourinhos na minha memória — nunca em preto e branco, sempre esperando as cores que só o amor sabe dar. Se um dia a terra desta cidade for meu último endereço, que seja também, ali, meu primeiro recomeço — porque todo fim, quando é feito de raiz e de amor, é só um jeito diferente de continuar.





Ourinhos, o mundo é aqui

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Vovô, o senhor falou que veio lá do outro lado do mundo! O mundo é longe?

- Depende, o nosso mundo é aqui mesmo...

- Aqui?

- É, o nosso mundo é aqui! Mas tem mais mundo, muito longe. É desse mundo que nós viemos.

- Como chama esse mundo longe?

- Chama Itália!

- E o nosso mundo aqui, como se chama?

- Chama Vila Perino!

- Vovô, o senhor nasceu lá naquele mundo?

- Não, quem nasceu naquele mundo lá longe, chamado Itália, foi meu papai. Eu nasci em um mundo pertinho daqui, Cerqueira César, que fica no Brasil.

- Eu nasci na Vila Perino e o senhor no Brasil?

- Não, nós dois nascemos no Brasil. Eu nasci em Cerqueira César, que fica no Brasil, e você nasceu em Ourinhos, que também fica no Brasil.





- Mas a mamãe falou que eu nasci aqui, na Vila.
Eu posso ir nesse mundo lá longe? O senhor me leva?

- Um dia, quem sabe. Mas por enquanto vamos
conhecendo o mundo inteiro, que está aqui na vila.

- O mundo cabe na Vila Perino?

- Aqui dentro tem o mundo inteiro. Olha, aí
mesmo do lado tem os Tavares, que são de Portugal,
que também fica longe.

- Lá na esquina tem os Tanio que são da Síria,
que fica ainda mais longe. Na rua de trás tem os
Manzano, que são da Espanha. Logo ali tem os Sato,
que vieram do Japão.

- E tem os Laurani, os Rodrigues, os Pedrotti,
os Palmas, os Zanetti.

- Nem preciso ir longe para conhecer o mundo,
vô Virgílio?

- Não, Vera Lúcia, aqui mesmo você vai
conhecer o mundo, conhecer os nossos vizinhos.

E fiquei sabendo que o mundo é aqui mesmo:
Vila Perino, Ourinhos, Estado de São Paulo, Brasil





Nossa terra era vermelha

José Carlos Marão

Aquela poeira fininha entrava pelos poros, marcava em poucos minutos o colarinho branco engomado da camisa de baile, o bolso da calça caqui do uniforme do ginásio.

A poeira se espalhava pela cidade, cobria casas, árvores, e dava à cidade de Ourinhos sua cor típica, imitada, por coerência, nas cores das paredes do grupão e da igreja nova. Até o cinema, envergonhado de sua brancura, segurava grãos de poeira na intenção de se incluir naquele marrom avermelhado.

Uns chamavam de terra roxa, mas Dona Diva Leonis, a professora de Geografia, explicava o engano. Os primeiros italianos chamavam a terra de terra rossa, que quer dizer terra vermelha.

Diziam que tinha vitamina.

Uma vez fizeram um quadrangular de futebol entre a Cambaraense, a Esportiva de Jacarezinho, o Ourinhense e, para completar, trouxeram o Fluminense do Rio de Janeiro.

Está lá no Google e no site do Fluminense: o Ourinhense venceu os cariocas por goleada: 4 a 1.





Pois os cariocas não se conformaram, trataram mal a região, reclamaram, principalmente da poeira. Claro, tinham que viajar para Cambará e para Jacarezinho naquelas estradas de terra.

O Celestino Bório Junior, dono da rádio, respondeu à altura nos comentários da ZYS7.

- Chegam aqui, recebem nossa hospitalidade e reclamam de nossa poeira, que tem vitamina!

- Deveriam mesmo é agradecer.





Vila Nova, Vila Margarida

Euclides Rossignoli

As ruas eram de terra. Nem calçada, nem meio-fio, nem esgoto, nem calçamento. Ruas de um vermelho poeirento, inundadas de luz e calor, onde, nos dias mais quentes, eram comuns os redemoinhos e, dentro deles, invisível, o saci --- era só jogar a peneira e pegá-lo, mas nunca ninguém jogou. Postes com lâmpadas que pouco iluminavam, figurando tomates maduros. Casas de madeira, aqui e ali vizinhando com terrenos baldios. Algumas com varandinhas, outras só uma caixa, com telhado alto. Comuns eram as cercas vivas de leiteira, uma preocupação das mães por causa do leite corrosivo das suas folhas. Assim era a Vila Margarida, a famosa Vila Nova dos anos 1940, dos tempos de menino.

Os nomes das ruas eram bons. Lembravam datas importantes do país e do mundo: a Independência, a República, a Inconfidência Mineira, a Descoberta da América, a Revolução Francesa.

Automóveis e caminhões eram raros. Comuns eram as carroças, algumas bicicletas e carrinhos de mão. As casas, no geral, não tinham forro. A luz do sol chegava pelas numerosas réstias. A água tinha que ser apanhada lá fora junto à tina e à tábua de lavar. A privada ficava no quintal, numa casinha levantada sobre uma fossa repleta de baratas.





Sem televisão nem telefone, as mulheres ficavam em casa, os adultos e a criançada preferiam os jogos de malha e bocha ou os campos de futebol. No Campão da Rua 7 de Setembro surgiu o Paulistinha, criado pelo Angelim Dela Costa e pelo Mingão Furlan. No Campinho da Rua 21 de Abril, surgiu o Corintinha do eletricista Clemente.

Essa era a Vila Nova do Avelinão, do Chico Bucheiro, do Balalaica, do Alemão Sapateiro, do Pedro Campeão, do Ernesto Furlan, do Jesuíno Português, do Ângelo Dela Costa. Dos ferroviários Aquilino Librelato, Cirilo Leite, José Martins, Pedro Canizella, José Malaquias, Ezequiel Rodrigues, Ramon Moreno, Nego Barbosa, Pedroso (pai do Eudes), Gustavo Leite, Luiz Georgeto, João Rossignoli, Sebastião Barbosa, Vicente Queiroz, Lara, Lídio Fiorini, Américo Rogato, Júlio Campeão. Dos motoristas de praça Tomás Frazatto e Vitório Davanso. Dos carroceiros Chico Emídio, Seu Martins (pai da Mariinha), Seu José da dona Dina, Zé do Burrinho. Dos comerciantes Chico Cristoni, Totó Medaglia, Chico Barrigudo, Ambrósio e Frazatto.





É difícil determinar até quando vão os “mágicos anos 50” desta antologia. Certamente, invadiram os anos 60. Por mera convenção, consideramos a FAPI como o marco que separa aqueles tempos da era atual.

A primeira FAPI

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Do outro lado da cidade! Lá no Monstrinho!

Nós, aqui, na longínqua Vila Perino, não sabíamos o que era e nem como era a tal FAPI. E tinha que vencer pelo menos uma hora de caminhada.

- Mas vai valer a pena! – disse o pai.

E assim fomos, o pai e os três mais velhos: eu, a Maria Tereza e o José Roberto. A mãe ficou em casa com os 3 menores. No primeiro domingo da Feira, colocamos a melhor roupa, o melhor sapato e saímos, logo depois do almoço. Naquele dia, o almoço foi mais cedo: afinal tínhamos uma grande aventura pela frente.

Lá fomos nós, no maior alvoroço, pelas ruas, ainda de terra, até chegar na Jacinto Sá, que tinha calçamento de paralelepípedo. Os menores já estavam cansados: a caminhada era puxada! Mas eu já estava acostumada com o caminho, indo para a escola todos os dias, lá no Instituto Horácio Soares. E eu mostrava meu orgulho, pois afinal já conhecia lugares e coisas que os menores nunca tinham visto!





O clima era de festa. Em todos os lugares por onde a gente passava pessoas bem-vestidas e animadas também estavam prontas para o grande dia.

Meu Deus, nunca vi nada tão grande! Tão majestoso! Muita gente, movimento para todo lado. Barracas coloridas, parque de diversão, bois, carneiros, aves, e enormes barracões com abóboras, mandioca, pimentões, tomates. Tudo muito grande, gigantesco.

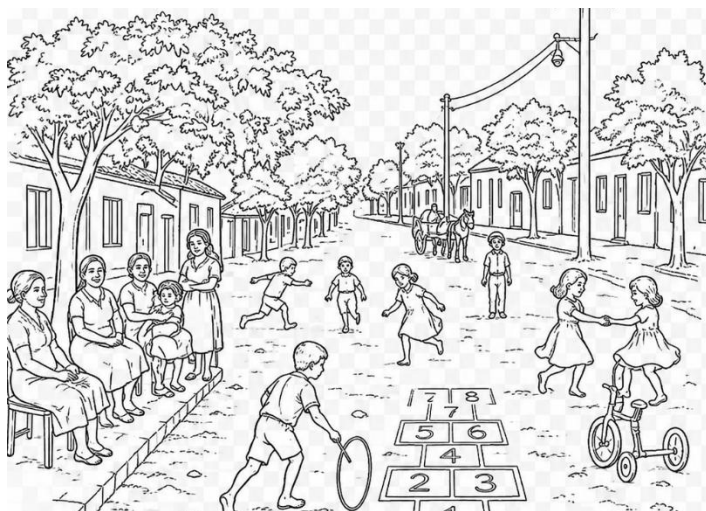
Tinha carrinhos de cachorro-quente, grande novidade para nós. Claro que comemos e bebemos caçulinha da Caiçara, que delícia!

Às 5 horas da tarde teve início o grande rodeio. Às vezes os touros bravos vinham para o lado da plateia e todo mundo saía correndo assustado. Segurança zero para o público, mas estava lotado em toda a volta e na arquibancada do lado contrário de onde estávamos.

Assistimos a tudo, vimos os peões que venceram, e, afinal, fomos embora, não sem antes comermos pipoca, maçã do amor, algodão doce, e, na subida da Expedicionários, mais uma rodada de cachorro-quente no carrinho do Shinit. Se a empresa Shinit ainda existe, não sei, mas, para nós, Shinit é sinônimo de cachorro quente até hoje.



ERA ASSIM!



Ave Maria, conversas e brinquedos

Fim de tarde: cadeiras na calçada ...

A primeira comunhão

O jejum, o medo, a foto

Dona Antônia e o Sheik

As lavadeiras e suas trouxas: cena comum

Sexta-feira Santa

Ninguém conversa, ninguém faz nada

Ivone, a feiticeira dos vestidos

Até na Fenit a modista de Ourinhos estava

A cerimônia do velório

Um folheto avisava a cidade inteira

Morrer era coisa séria

Suicídio não tinha direito a padre

Nhá Rita

A criação de porcos, para sobreviver

O Caminho do cemitério

Até a cachorrada da rua parava de latir



Ave Maria, conversas e brinquedos

Cidinha Teixeira de Freitas

- São seis horas! Ave Maria!

Era logo depois da revoada das andorinhas. A voz era do então jovem Luciano Correia da Silva anunciando a hora do Angelus pelo serviço de alto-falantes. Chegava na avenida, entre Gaspar Ricardo e Goiás. Bem que se dizia que o alto-falante era a “maior potência amplificadora do interior”.

Depois de alguns sinais da cruz ou algumas Ave-Marias, já era hora da janta. A cidade jantava cedo. Aos poucos, as mães iam levando suas cadeiras para a calçada da Jacinto Sá. Falavam de tudo: da moça que fugiu, do pão da padaria, da professora que bateu no aluno, enquanto ouviam o alto-falante, com seus tangos, boleros e modas de viola. Claro que não havia TV. Mas já havia, para algumas, a novela das oito, na Rádio Nacional do Rio.

Para as crianças, era diferente.

Quase nunca passava carro. De vez em quando, o pocotó de uma charrete.





Então, a rua se transformava em Pega ladrão, Seu lobo não vem, Amarelinha, Passa anel, Queimada. Não tinha pobre nem rico e, quando um ou outro aparecia de patinete ou bicicletinha de três rodas, toda a criançada também dava uma volta. Tinha hora que paravam com o bilboquê ou o jogo de saquinhos para ir roubar umas flores na linda casa do seu Galileu e deixar a dona Rosa bem brava.

Até que, de repente, acabava tudo: a sirene dos Migliari avisava: eram 10 horas. Todo mundo prá casa.

O Jardim, arborizado, era o lar de milhares de andorinhas. No subsolo do coreto, o locutor trabalhava e recebia os pedidos de música. Até que, em 1958, o prefeito resolveu fazer reformas. O Jardim virou praça. Acabou com os bancos, acabou com as árvores e as andorinhas. O estúdio do alto falante foi para os fundos do Café Paulista, onde ninguém aparecia para oferecer músicas.





A primeira comunhão

Ana Lúcia Chiaradia

Ourinhos, sempre Ourinhos.

Foi onde, criancinha, tomava o sol da manhã dentro de um caixote, onde brinquei de boneca com a Norma Abuhamad, onde frequentei o Grupinho e já rezava e assistia missa na Igreja velha, onde fiz minha Primeira comunhão.

Para cada evento desses poderia contar uma história... estão bem no fundo do meu coração.

Eu me lembro que fiz a primeira comunhão num domingo. E chovia muito. Depois da missa, uma mesa preparada pelas mães, pois estávamos em jejum.

Não sei como está hoje essa história de primeira comunhão. Mas, naquele tempo, a gente tinha que confessar na véspera. Não podia comer nada depois do jantar. Era jejum completo.

Até escovar os dentes de manhã era proibido, segundo a irmã Benigna.

Vestido branco comprido, arremedo de noiva.

Depois, hora da hóstia, das mãos do Paduardo.

Não podia mastigar a hóstia. Meu Deus, que agonia nessa hora. Se mordesse escorreria sangue...





Terminada a missa, a irmã Benigna nos organizava numa fila. Terminada a pompa, os doces e refrescos. E muita brincadeira

Acabou? Não, não acabou!

À tarde, na igreja novamente, vestida de noiva com véu e grinalda.

E que pé d'água! Não adiantou de nada os papelotes que minha irmã fez me querendo bonita!

Tudo para aquela foto do alemão fotógrafo, ajoelhada naquele negócio de ajoelhar.





As lavadeiras na rua equilibrando na cabeça trouxas de roupa eram uma cena comum em Ourinhos. Não existia máquina de lavar roupa. Aquele calor exigia, no mínimo, uma troca completa de roupa por dia. As famílias eram numerosas. Isso garantia o mercado de trabalho para as lavadeiras, que usavam seu próprio tanque e seu próprio sabão.

Dona Antônia e o Sheik

Lisandre Castelo Branco

Não chegava a ser um elefante num pires, mas o quintal era minúsculo. E com um cachorro era impossível lavar roupas em casa.

Minha mãe dava aulas na Vila Margarida e lá conheceu dona Antônia, lavadeira. Ela vinha com uma trouxa na cabeça, outra na mão e na outra mão cabides e um guarda-chuva respeitável. Entregava e buscava roupas na mesma pernada entremeada por conferência do rol da entrega e o fazimento do novo, pra semana.

Sheik, o pastor alemão, odiava dona Antônia com fúria. Ela falava alto, ria mais alto ainda e retribuía generosamente o ódio ao cão. Ela confiava no portão fechado para sua segurança.

Mas, um dia, sempre acontece, ela veio mais cedo. Estávamos todas lá fora - mãe e filhas - e o Sheik nos acompanhava solto.





Mal dona Antônio virou à esquerda na Rio de Janeiro, Sheik a reconheceu e partiu a toda velocidade.

Ela vinha paramentada como sempre e vestida à moda "impecável lavadeira", toda de branco, engomada e passada. Não houve berro que parasse o Sheik. Ela também o viu e o medo falou alto: trouxas jogadas e desmanteladas, cabides largados e o guarda-chuva empunhado. Chegamos quase juntas ao ataque/defesa.

Resultado: muito barulho e estardalhaço por nada. Apenas uma senhora lavadeira branca de susto, sujíssima (Ourinhos!!!), roupas espalhadas e um guarda-chuva, combatente valente, destruído.

E minha mãe furiosa conosco porque quase ficou sem a preciosa dona Antônio.

Depois dos cuidados com dona Antônio, vieram os vizinhos. Curiosos, solidários, alguns só preocupados com o Sheik. Por fim, muitas risadas com o espetáculo das trouxas voando e Antônio aos berros.





Sexta-feira Santa

Ana Lúcia Chiaradia

A Sexta-feira Santa era levada muito a sério.

Na Igreja Velha do Padre Eduardo as imagens acordavam embrulhadas num pano roxo. Todas elas! Aprendi que era assim para que a gente não se distraísse do propósito daquele dia: ficar concentrada no martírio de Cristo. Só podia pensar na Paixão de Cristo.

Para mim, era o contrário: não largava mão de olhar para o tétrico que era tudo aquilo. Não via a hora de que tudo acabasse para que a igreja voltasse a ser florida e com suas imagens coloridas.

Em casa, a mesma coisa.

Tínhamos um quadro de Cristo na sala de jantar e ele era coberto, só que de branco.

Começava o dia no maior silêncio.

A gente mal se falava. Não se tomava café da manhã e eu não entendia o porquê. O almoço já estava feito, de véspera. Não se varria a casa.

E eu não saía para brincar. Saía só para ir à igreja. Não podia nem ficar doente.

Ninguém tomava banho, os homens não faziam a barba.





Era proibido ouvir música. Mas se você ligasse o rádio, só ia ouvir música sacra.

Pensando agora em tudo isso, vejo que era um dia pesadíssimo.

Hoje, para mim, não é mais assim.

Como será que as coisas estão agora nas pequenas cidades?





Ivone, a feiticeira dos vestidos

Ana Lúcia Chiaradia

O verão entorpecia naquele fevereiro em que eu completaria 18 anos, ia ser maior de idade. A festa seria de arromba! O vestido?

Da Caprichosa, lógico.

A Caprichosa ficava na Barra Funda. Era um dos poucos motivos que levavam a nata da sociedade a atravessar a linha do trem.

A Ivone, da Caprichosa, era filha do casal dona Rosa e seu Abdo, donos da loja. Era lá que a Ivone mostrava toda a sua genialidade com as agulhas.

Os vestidos chegavam impecáveis, sem atrasos e prontos para serem usados. Nunca ouvi falar de atrasos ou queixas. Vestiu as noivas, as madrinhas, as debutantes, as aniversariantes. Nunca houve vestido igual vendido para duas pessoas.

Sua fama correu mundo e foi convidada para expor na Fenit, o que fez com muito sucesso. Como foi, também, um sucesso, o vestido dos meus 18 anos.





A cerimônia do velório

Ana Lúcia Chiaradia

A pessoa morria, a notícia corria em alta velocidade. A morte era comprovada por um folheto pequeno, com uma dobra, com uma cruz na capa. Dentro, o nome do falecido, hora e endereço do velório, hora do enterro. Era distribuído de porta em porta.

Esse folhetinho meu tio Silvano tinha pronto lá na tipografia a Cidade Ourinhos.

O velório só começava depois que o defunto estivesse “pronto”. Nunca entendi essa história de precisar dar banho no morto. Escolhiam a melhor roupa. O corpo ia para o caixão e o caixão ia para a sala da casa. Não havia velórios como hoje.

O caixão colocado em cima da mesa de jantar, as cadeiras em volta. As mulheres de preto, os homens com gravata preta e uma tarja preta na lapela.

Durava a noite inteira e diziam que tinha cafezinho e bolinho, mas nunca vi.

Criança tinha que dormir cedo.





Morrer era coisa séria

Ana Lúcia Chiaradia

Desde pequeninha, eu lembro, se morria alguém, a gente grande, se falava do falecido era em voz baixa, abaixavam a cabeça, faziam o sinal da cruz.

Era assunto proibido para as crianças e eu morria de medo. À medida que fui crescendo já me permitiam participar da dor geral e dos rituais. O velho câncer, que minha mãe chamava de “aquela doença”, era uma causa comum.

Até que apareceu outra causa, que me horrorizou: a vizinha cometeu suicídio. Brigou com o namorado e se matou. Que medo! E era uma vizinha bem próxima, a gente tinha que ir.

Foi quando ouvi que quem se mata não tem direito a padre, missa, igreja: vai direto pro inferno.

Só se salvava se, no último minuto, quando a morte já era irreversível, se arrependesse.

Nesse suicídio, pelo menos, apareceu alguém garantindo que ela tinha se arrependido.





Nhá Rita

Ana Lúcia Chiaradia

Quando eu ainda morava na 9 de Julho, tinha uma figura que sempre passava em casa pegar lavagem. Para os mais novos, explico: lavagem é resto de comida.

A gente colocava as sobras de comida numa lata de óleo (de 5 litros?) e ela passava para pegar a lavagem para alimentar seus porcos.

Chamava-se Nhá Rita...

Acho que passava em dias marcados.

Mais tarde, fiquei sabendo que se mantinha assim. Matava e vendia o porquinho na hora certa.

Quando estávamos às vésperas do Natal, ela levava uma parte de um porquinho para nós, em agradecimento.

Era uma festa, em casa.

Menos para mim...

Nunca consegui comer o bichinho...

De repente, a Nhá Rita sumiu da minha história.





O caminho do cemitério

Ana Lúcia Chiaradia

Quando chegava a hora, o caixão com o corpo do falecido era levado para a Igreja. A Igreja nova já estava em construção. Então, a velha Matriz já era chamada de Igreja velha.

O caixão ficava em cavaletes, entre as duas fileiras de bancos.

O padre e seus coroinhas encomendavam a alma, rezavam todos, parentes e presentes, pedindo que a alma do falecido fosse para o céu.

E saía o cortejo. Eu achava lindo e comovente.

O padre ia na frente. O coroinha, logo atrás, batia a matraca de madeira. Sino ou som metálico era proibido no meio da tristeza.

Parentes e amigos carregavam o caixão e iam se revezando. As crianças mais crescidinhas levavam flores, acompanhando o caixão.

Na rua, todos paravam. Os homens tiravam o chapéu, as mulheres faziam o sinal da cruz, o comércio baixava as portas de ferro. Parece que até os passarinhos se calavam e a cachorrada da rua parava de latir.

No cemitério, cova aberta, coveiros cheirando suor e cachaça desciam o caixão naquele buraco.





Usavam umas cordas grossas, sujas e bem velhas, que me davam enjoo.

Vinha a última reza do padre, as flores jogadas na cova e a terra vermelha ia cobrindo tudo.

E se dispersavam, sem conversas, sem dizer que iam para casa tomar um banho. Era assim que mandava a superstição como primeira coisa a se fazer depois de uma visita a um cemitério: tomar um banho.



Verdade?



Cuidado, que o Zé Toicinho te pega

Só servia para as mães assustar os filhos?

As melecas do Faruk

Os perigos de um laboratório na praça

A hora do viajante

Hora certa? Que isso?

A charrete do Ticanha

O papo entre o velho e o moço

A mesa das famílias mais finas

Gato por lembre? Cão por cabrito?

A rumbeira e o Vardemá

O carregador de malas roubou a cena

Café Paulista, cuidado com a picada

O café mais importante que a Câmara Municipal



Cuidado, que o Zé Toicinho te pega!

Hélio Herrera Mandolini

A cidade inteira tinha medo do Zé Toicinho, mas seu reduto mesmo era no Formigueiro, o apelido que essa gente invejosa colocou na minha querida vila Boa Esperança.

Os homens tinham medo do Zé Toicinho: era bom de briga, diziam até que tinha matado seu compadre, o Sansão, com uma facada na barriga, em uma briga de bar.

Mas na verdade ele andava atrás é das moças. Só que não dava certo: era baixinho e feio.

Então, diziam, mas não comprovavam, era à força mesmo. Preferia as que estavam sozinhas. Só incomodava algum homem se ele estivesse acompanhando a sua escolhida do dia. Espantava o rapaz, a seu modo, e cuidava do que queria fazer.

Seu nome era José Teixeira do Carmo. Trabalhava como saqueiro na Sanbra, no Dias Martins, no J. Alves Veríssimo. Também trabalhou nas olarias da Vila Odilon. O traje de trabalho dele era o mesmo dos que carregavam e descarregavam caminhões. Mas, fora do trabalho, estava sempre de terno branco impecável, sapato engraxado, chapéu.

Andava pela cidade toda, mas onde morava?





Não sei exatamente, mas acho que era em um cortiço, de casas de madeira, onde hoje é o Posto de Saúde Central (Postão).

Diziam também que era na Avenida Getúlio Vargas, próximo ao riacho que nasce no Monstrinho, onde hoje é o Fórum.

Foi casado, teve filhos.

Com certeza, existem parentes do Zé Toicinho ainda vivendo aqui na cidade, que podem confirmar ou desmentir toda essa fama.

Minhas únicas certezas são que o conheci pessoalmente e que o medo das pessoas era real, quando eu era criança, lá no Formigueiro.

Talvez ele tenha sido mesmo injustificado. Mas prestou um grande serviço para as mães, como substituto do bicho papão:

- Vem prá casa, menino, senão o Zé Toicinho te pega!





As melecas do Faruk

Carlos Ostronoff (Mocho)

O Faruk, que deve seu apelido ao Joaquim Bessa, era um eficiente e eficaz colaborador do doutor Monzilo em seu laboratório de análises clínicas. Tinha um defeitinho: era parado em música caribenha. Pérez Prado era seu ídolo.

Um belo dia, ou talvez não tão belo, alguém estacionou a viatura em frente da clínica, com o rádio a todo volume. Na verdade, há controvérsias sobre a origem do som. Um numeroso grupo de ourinhenses, acha que o som era proveniente da “Maior potência amplificadora do hinterland paulista”.

O fato é que um mambo do Pérez Prado estava rolando a toda. Entusiasmado com o ritmo contagiante, o Faruk se pôs a bailar, chacoalhando o ombro e os braços. Perdeu o equilíbrio, e derrubou a prateleira onde repousavam as fezes...

A cidade precisou repor o material perdido...

Faruk era o apelido do Vicente Monteiro de Campos. Magro, era chamado de Múmia. Na época, os noticiários insistiam em mostrar o rei Faruk, do Egito. A ligação entre Múmia e Faruk era imediata. A “maior potência amplificadora” é como se autodenominava o Serviço de alto falantes da praça.





A hora do viajante

José Carlos Marão

Um viajante terminou sua janta no hotel Comercial e subiu até o jardim, para ver as meninas da praça, como faziam os viajantes malcomportados. Os bem-comportados iam prá zona.

Isso no jardim, antes da reforma do Paschoalick em 58. O “estúdio” do serviço de alto falantes (“a maior potência do hinterland”) ficava no subsolo do coreto.

Estava lá o viajante ouvindo seus boleros quando o locutor deu a hora certa. Acertou o relógio. Mais uns dois tangos e veio a hora certa de novo. Ele teve que acertar o relógio de novo. Logo depois de “História de um Amor” veio a hora certa, não batia com o dele e foi tirar satisfação.

O locutor também era o técnico de som, o gerente e o faxineiro. O viajante reclamou: será que ia ter de comprar um relógio novo?

O locutor respondeu com clareza, para acalmar o ilustre visitante:

- Olha, a gente não tem relógio. Então fala a hora mais ou menos. Não precisa comprar novo não.





A charrete do Ticanha

Diógenes Ferreira

Meu pai, Otávio Ferreira, um dos moradores mais antigos de Ourinhos, era famoso por gostar de pescaria, por gostar de contar histórias e por conviver com os mais jovens.

Uma vez, ele estava conversando com o Ticanha, que era só um pouco mais velho que eu. Era filho do Tico Migliari, que tinha o posto de gasolina com pouso para caminhoneiros lá fora da cidade, onde a estrada bifurcava, uma via para o Paraná, em direção ao Panema, outra via para Assis.

Passou uma charrete levando na boleia uma daquelas dedicadas trabalhadoras que exerciam sua profissão lá no fim da Gaspar Ricardo:

- Olha lá, seu Otávio, minha namorada.

Primeiro precisa contar para essa moçada de hoje que lá no fim da região que hoje chamam de Barra Funda, quase fora da cidade, havia uma concentração de casas especializadas em atender senhores solitários. Ali, esforçadas senhoras ganhavam a vida.

As charretes eram comuns.

Havia muitas no ponto da Estação. Um transporte mais barato para distâncias maiores.





E quando você via uma charrete na rua, havia grandes chances de estar trazendo uma daquelas moças para compras, para ir no médico ou no dentista.

E foi aí que meu pai respondeu:

- Você não podia arranjar uma namorada mais bonita? Já que está pagando.

- *Ah, seu Otávio, não é bonita, mas precisa ver a bunda lisinha que ela tem!*

- Mas você é muito sem vergonha, hein rapaz!





A mesa das famílias mais finas

José Carlos Marão

Contava-se, entre os malfalantes daquele nosso amado burgo, ali pelos anos 40, que seu Laurindo criava e vendia cabritos. Ficou conhecido e procurado.

E a carne de cabrito passou a frequentar, regularmente, as mesas das melhores famílias.

Até que uma senhora notou que os cachorros que vagueavam pela poeira das ruas estavam sumindo.





A rumbeira e o Vardemá

Carlos Ostronoff (Mocho)

O Cine Ourinhos era sempre requisitado como sala de espetáculos por artistas que vagavam pelo “hinterland paulista”, para amealhar um cascalho.

Certa vez foi palco para a apresentação de uma rumbeira vinda de terras desconhecidas. A expectativa entre a molecada era grande, na esperança de observar as coxas da artista. Ela iniciou o show, sacudindo os ombros e as mangas bufantes, cantando “mala, mala, mala, siempre fuistes mala...”.

De repente, rompe-se a cortina que separava o palco e aparece ninguém menos que o Vardemá Malero caminhando de maneira mansa e concentrada.

O show teve que ser suspenso, devido às incontroláveis gargalhadas do distinto público.

Vardemá Malero era figura popular em Ourinhos. A cidade, como entroncamento ferroviário, tinha muitas pensões, para atender viajantes em trânsito. Cada pensão tinha o seu maleiro, que ficava na porta da estação disputando os potenciais hóspedes. Eram profissionais registrados na Prefeitura, usavam um boné, onde aparecia seu número de identificação. Tinham que se vestir conforme um código e usar paletó. Vardemá, fora dos horários dos trens, circulava sempre elegantíssimo pelos eventos da cidade.





Café Paulista, cuidado com a picada

Álvaro Fernando Saraiva

De repente, toda a iluminação ali no jardim e em volta foi desligada. Gritos por todos os lados no Café Paulista:

- É o prefeito, não pode ver gente conversando!
- Essa turma contra o prefeito é capaz de tudo!
- Tem que trocar essa companhia de luz.

O Café Paulista fervia de agitação no ano inteiro. Tinha gente da oposição e da situação, tinha torcedor do Operário e do Ourinhense, tinha quem só queria falar mal dos outros, fosse verdade ou mentira. Não é à toa que era chamado de Butantã, ou de ofidiário, ou de ninho de cobras.

Em tempo de eleição, ficava mais quente ainda. E um apagão daqueles, no meio de grandes discussões, só podia ser coisa “do outro lado”, fosse qual fosse.

Ninguém desconfiava que o causador estava ali sentado, saboreando “um pastéis” regado a caçulinha da Antártica, servido pela Julia Budai.





Naquele dia, um grupo, querendo discutir um assunto mais reservadamente, atravessou a rua e continuou a conversa na calçada da praça. Estavam perto de um “postinho de luz”. Mas o filho do Tonico Saraiva estava com vontade de fazer xixi. O pai, para não perder a conversa, autorizou a fazer ali no canteiro mesmo. O molequinho não teve dúvida: mirou bem no pé do postinho, justo nos fios sem proteção.

Umas poucas faíscas e apagão geral.

A turma que sabia disso atravessou a rua de volta e fez o que deveria fazer: colocar mais lenha na fogueira das discussões para rir depois.



CHEGARAM, FICARAM



Sebastiana, mãe de todos

A pensão onde ficavam os recém-chegados

Alemão sapateiro, cascadeiro

Serviu com o Hitler? Ou era contra o Hitler?

Cidade de ouro

Por que Ourinhos chama Ourinhos?

A ocupação da vila e seu Totó

Só morre gente boa. Vamos ser gente ruim.

A história de uma biblioteca

O dinheiro “proibido” para a biblioteca



Sebastiana, mãe de todos

Clyseide B. Escobar Gavião

Sebastiana tinha uma pensão na Jacinto Sá, bem ali na chegada do viaduto que passava por cima da linha do trem. Isso lá por 1942.

À noite, chegavam os hóspedes de sempre. Na maioria, gente que vinha para trabalhar na São Paulo-Paraná, a ferrovia dos ingleses. Muitos já vinham com emprego arrumado. E muitos já eram casados, como meu pai e minha mãe, que chegou grávida.

Sebastiana, morena, forte, bem resolvida, acomodava todo mundo, alimentava todo mundo. Sempre também tinha lugar, na pensão e no coração, para quem vinha sem ter nada, vinha procurar emprego.

Ela entendia seus hóspedes. Sabia que tinham vindo contra o vento, engolindo a poeira vermelha, que brilhava contra a luz fraca dos postes que pareciam tomatinhos vermelhos no céu.

Chegavam pensando: “Chegamos no inferno”.

Sebastiana também cuidava das dores do corpo e da alma, com os chás de todas as ervas que cresciam ali na Jacinto Sá, sem calçamento e sem calçadas.





E eles ficavam, até arrumarem uma casa ou conseguirem seus empregos.

Mas não era só isso.

Sebastiana separava brigas de bêbados, sabia guardar segredos, queria o progresso do povoado.

Muitas crianças nasceram nas mãos de Sebastiana. A parteira podia demorar. Os homens iam para a linha, as mulheres ficavam na lida. Eu mesma nasci ali, pelas mãos de dona Augusta, a parteira mais cara do bairro, mas muito ajudada pela Sebastiana.

Logo meus pais mudaram para uma casa. Mas por mais uns dez anos eu ainda a encontrava em alguns lugares e ela me envolvia com seus braços quentes.

Sebastiana caiu do céu por descuido.





Alemão sapateiro, cascateiro

Euclides Rossignoli

Alemão Sapateiro era o estrangeiro mais famoso da Vila Nova, porque, além de consertar sapatos e andar numa bicicleta esportiva, ele era um alemão que lutou na Primeira Grande Guerra na mesma unidade de um certo Adolf Hitler. Meu pai gostava das botinas que o alemão fazia, mas parece que gostava mais ainda das histórias que ele contava.

A Vila Margarida do meu tempo de criança (década de 1940), conhecida na época como Vila Nova, tinha alguns núcleos de famílias de imigrantes: portugueses, como o Jesuíno e o barbeiro Abílio; espanhóis, como os Moyas, os Robles e os Pelaías; húngaros, como os Budai; além do Miguel e da dona Bárbara que eu não sei se eram húngaros ou poloneses.

Mas o mais conhecido mesmo era o Alemão Sapateiro, ou sapateiro alemão, ou Jorge alemão sapateiro. Se eu fosse um sujeito exagerado, diria que ele era conhecido no Brasil inteiro.

Mas o que aconteceu?

Aconteceu que no livro do Jefferson Del Rios sobre Ourinhos o Jorge alemão aparece como sérvio.





Pera lá: alemão não é sérvio, e sérvio não é alemão. Um dia desses estive pensando no mistério.

A Sérvia não foi aliada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Ao contrário, era adversária da Alemanha. Como é que esse sapateiro, agora sérvio, lutou na mesma unidade do Hitler? Concluí: o Jorge, alemão sapateiro, sérvio, que lutou junto com o Hitler, não passava de um grande cascadeiro!





Cidade de ouro

Maria Alice Carvalho

Subi a escada, que era ao lado da farmácia, correndo, de dois em dois degraus:

- Mãe, sabe por que essa cidade se chama Ourinhos?

Minha mãe, ainda atarefada com a mudança, não entendeu. A gente tinha vindo de Bebedouro: meu pai, Mário, minha mãe, Cida, minha irmã, Maria Elisa e eu. Meu pai era gerente da Drogasil e tinha sido transferido para Ourinhos. Nossa casa era no andar de cima da farmácia, que continua lá, no mesmo lugar.

Chegamos em 1953, eu tinha 5 anos.

Foi difícil. Não havia ônibus ou trem direto para Bebedouro, onde ficou o resto da família. Às vezes era mais fácil ir de trem até São Paulo e voltar para o interior também de trem em vez de atravessar o Estado.

Minha avó materna, Carmem, tinha vindo junto, para ajudar na mudança e no nascimento de meu irmão, Vitório, previsto para logo depois. Assim que a casa estava arrumada, minha avó chamou minha irmã e eu para dar uma volta, conhecer a cidade.





Vimos as lojas, bares, entramos pela rua 9 de Julho, passamos pelas Pernambucanas e fiquei impressionada: nunca tinha visto tanto luxo como o da Casa Alberto, com as roupas e sapatos nas vitrines.

Minha avó comentou os preços, muito altos.

Minha mãe olhou para mim, que ainda estava ofegante da subida pela escada:

- Por que chama Ourinhos?

Do alto dos meus cinco anos, expliquei:

- Porque aqui tem sapato de ouro!

Uma boa parte da população de Ourinhos era de funcionários ou executivos de grandes empresas que se instalavam na cidade, por ser entroncamento ferroviário. Havia as petroleiras, tipo Esse, Shell, Gulf, Texaco, as algodoceiras, os grandes silos de cereais. Sem falar nos bancos. Direta ou indiretamente, a população da cidade foi trazida pelos trilhos das ferrovias.





“Dona Elvira, gente ruim não morre. Só morre gente boa. Então é melhor ser ruim e a gente vai ficando por aqui.” Seu Totó queria provocar a vizinha, católica e beata. Essa cena está descrita aqui nessa crônica, onde o professor Euclides junta duas memórias em um só texto. A memória de como a cidade foi sendo ocupada por oferecer oportunidades de trabalho e a memória de como era divertido e criativo o convívio nas várias vizinhanças.

A ocupação da vila e Totó

Euclides Rossignoli

Meus pais mudaram da roça para a cidade em fins de 1941. Cidade, no caso, era a Vila Nova, que depois virou Vila Margarida. Éramos meu pai, minha mãe, minha irmã, eu e o Agenor. O Agenor estava deixando o colo nesta época. Meu pai, filho de imigrante italiano, veio da roça mas já tinha juntado um dinheirinho pra comprar uma casa: comprou-a na rua XV de Novembro, entre a 7 de Setembro e a 14 de Julho, perto da igreja Glória --- Congregação Cristã do Brasil.

Quando eu tinha aí uns 9 ou 10 anos, apareceu ali perto de casa, na esquina da XV de Novembro com a 14 de Julho, um punhado de homens dispostos, comandados por um idoso. Em pouco tempo fizeram alicerces e levantaram paredes para duas residências, um bar e, nos fundos, uma marcenaria. Era o pessoal do Totó Medaglia, filho de italianos.

Depois abriram um bar, fizeram funcionar a marcenaria e mudaram a feição da rua.





O velho Totó era uma figura. Não trabalhava; acho que era aposentado. Trabalhavam seus filhos, o João, o Mário, o Florindo, o Zezinho e as meninas.

O Totó era meio espirituoso e bem-humorado. Ficava ali na rua, em frente ao bar, conversando com um e com outro, sempre que possível levando a prosa para a brincadeira. Quando ficou sabendo que minha mãe era religiosa e caridosa, inventou essa aqui.

- Dona Elvira, a senhora já percebeu que as pessoas que têm morrido eram todas gente boa. Só gente boa; gente ruim não morre, Dona Elvira!

- Eu venho observando isso já faz um bom tempo ... e cheguei a uma conclusão: Deus quer os bons lá com ele; não quer gente ruim. Os ruins vão ficando por aqui mesmo.

- Então, eu tenho aconselhado os amigos e aconselho a senhora também: gente, vamos ser ruins, vamos ser ruins, porque assim nós vamos ficando por aqui. Os bons Deus vai levando, e os ruins vão ficando. Vamos ser ruins, Dona Elvira, vamos ser ruins...





Muita gente veio para Ourinhos já com emprego arrumado na São Paulo-Paraná. Muitos vieram com as algodoceiras, cerealistas e multinacionais que se instalavam por causa do entroncamento ferroviário. Médicos e outros profissionais vieram como funcionários das ferrovias. Mas quem ia alimentar e vestir toda essa gente? Vieram os comerciantes!

A história de uma biblioteca

Carlos Ostronoff (Mocho)

Consta que minha família teve que deixar Ibirarema às pressas, por ameaça de morte, o que nos trouxe até Ourinhos. Na busca por algum negócio, coisa de judeu, tinha aparecido em Ibirarema a oportunidade da compra de uma sorveteria falida. Dona Luiza, minha mãe, apaixonada por sorvetes e boa negociante, colocou a coisa pra funcionar e ser rentável. O antigo proprietário, ao sentir o mau negócio que tinha feito, queria-por-que-queria o estabelecimento de volta. Chegaram a um conflito sem solução, a não ser tirar o time da cidade, diante das ameaças de morte.

Ourinhos nos recebeu com alegria.

Bom, tinha o barro e a poeira. Minha irmã, Augusta, ainda criança, tinha apenas um sapato, a família enfrentando o miserê dos recém-chegados. As ruas não eram calçadas e, quando chovia, se formava a lama vermelha que todos nós conhecemos tão bem.





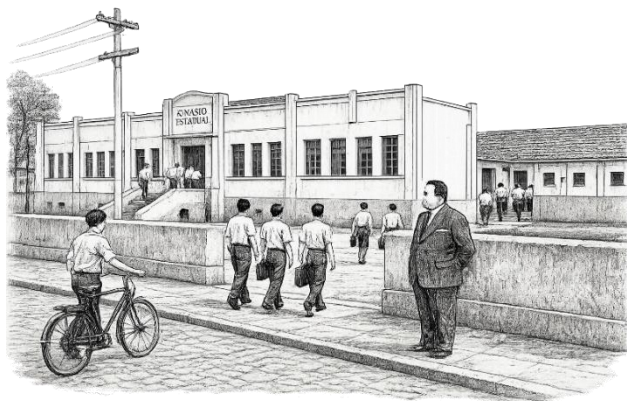
Atravessando a rua, o sapato da Augusta ficou preso na lama. Acho que todos nós passamos por isso. Augusta não teve dúvidas: com receio da repercussão, colocou os sapatos no forno para secar. Quando foi ver, encontrou apenas as cinzas do único sapato.

Ainda assim, Augusta ajudou a cidade. Participou da criação e instalação da biblioteca do ginásio de Ourinhos. Uma das suas tarefas era arrecadar fundos para a iniciativa. E iniciativa foi o que ela teve: buscar doações onde havia dinheiro. Teve a coragem de ir onde nenhuma moça ia: aquelas casas das esforçadas senhoras que, mediante módica remuneração, atendiam aos senhores solitários da cidade.

Levou uma bronca do meu pai. Mas instalou a biblioteca.



O GINASIÃO



Um prédio novo para o ginásio

A epopeia para conseguir a autorização do governador

O segundo examinador

Os recursos para encarar a rigorosa Maria Teresa

A amarelada do Roberto

De como ele esqueceram a letra no principal do show

Terminar o ginásio, uma festa

Até os anos 50, a oitava série era uma graduação

O meu brilhante desempenho

Como arrancar aplausos do público

Meu primeiro dia no Horácio Soares

Poeira e barro não tinham charme nenhum

Primeira série no Instituto

Os dois quilômetros a pé para chegar na escola

Vamos virar nome de rua!

Uma turma que deixou sua marca



Um prédio novo para o Ginásio

José Carlos Marão

Foram alguns ônibus lotados, ninguém lembra quantos. Os poucos que tinham carro também foram e levaram outros de carona. Teve gente que foi em carroceria de caminhão para a alegre caravana.

Naquele dia 28 de abril de 1958, a rapaziada do Colégio Horácio Soares ocupou a beira da represa de Salto Grande. Meninos e meninas, nos seus modestos uniformes caqui ou azul e branco, disciplinados, formavam um bloco que se destacava na multidão.

Foi difícil mobilizar tanta gente, mas eles tinham uma motivação. Enquanto o povo ia para tentar ver, ainda que de longe, o presidente Juscelino, o governador Jânio, ou o governador do Paraná, Lupion, a turma da escola ia para tentar conseguir um prédio novo para o ginásio. Um prédio que a maioria não teria tempo para conhecer ou frequentar.

A campanha para levar a turma tinha começado, oficialmente, em fevereiro ou março. Mas, na verdade, desde 1956 todo mundo estava convencido de que era preciso um prédio novo para o então chamado Colégio Estadual Horácio Soares.

As tábuas soltas do assoalho, as paredes trincadas, as fechaduras que não funcionavam, os vitrôs





que emperravam, a curiosa fauna que ocupava os porões dos prédios eram argumentos convincentes.

Uma tábua solta, a Beronha, foi adotada pela indisciplinada turma da Quarta Série A de 1956 como símbolo. A Beronha protestava ruidosamente quando lançada no chão oco. Se uma aula estava chata, se o professor vacilava, se algum acidente mostrava a deterioração do prédio, a Beronha comparecia. Era tipo um bichinho de estimação inanimado que era acionado para mostrar um prédio em decadência.

Um prédio novo exigia verba e autorização. O caminho era por meio das assim chamadas autoridades. Mas o prefeito Paschoalick, de oposição, não tinha o menor diálogo com o governador Jânio Quadros. O jeito seria passar por cima do prefeito.

Em 58, o Carlos Ostronoff, presidente do grêmio da escola, o GERB, lançou oficialmente a campanha por um novo prédio.

No mês de janeiro do mesmo ano, tinha sido lançado na cidade o “Diário da Sorocabana”, dirigido por Salvador Fernandes e criado por líderes da então UDN, que apoiava o Jânio e era contra o Paschoalick.

O Salvador ficou sensibilizado com a campanha. Deu cobertura contínua no jornal. Veio a notícia de que o Jânio viria a Salto Grande inaugurar a usina. Surgiu a ideia de entregar ao governador um abaixo-assinado, pedindo a escola nova.

Foi um grande movimento na cidade. Jornais de São Paulo noticiaram o movimento dos estudantes.





Muita gente ajudou, possivelmente com interesse político, mas ajudou. A causa era justa.

O combinado era que as meninas entregassem o abaixo-assinado. Lá na hora, os meninos foram convocados: era preciso garantir um “corredor” para que as meninas chegassem até o governador. Até hoje a foto circula entre nós. O Mocho lembra, agora, que havia umas cem meninas uniformizadas. Lá na frente, o professor Norival e outros já tinham prevenido o Jânio.

Documento entregue, voltamos eufóricos com o sucesso.

Depois de mais ou menos um mês de angústia, o Salvador e o Thomé da livraria voltaram de uma audiência com o Jânio com a notícia: tudo aprovado! Já em projeto para construção.

O prédio está lá, hoje, ocupado pela Escola Horácio Soares. Ninguém lá sabe dessa luta. Um prédio pelo qual nossa turma lutou e não chegou a conhecer ou frequentar.

Mas a Beronha descansou em paz.





O segundo examinador

Agenor Rossignoli.

Eu sabia uns 17 ou 18 teoremas. Tinha dois ou três que não sabia e tinha raiva deles. No sorteio, não deu outra: caiu um dos três.

- Esse eu não sei, professora.

A Maria Teresa quase teve um orgasmo.

Ainda havia as questões B e C, valendo 3 cada uma. Eu precisava de 4. Dava. Mas o caso do teorema me desestabilizou. Não tinha conseguido os 4.

Eu tinha ouvido, dias antes, uma conversa do Salem, inspetor federal, com um professor em que ele dizia ser direito do aluno um segundo examinador. Não tive dúvidas: pedi o segundo examinador.

Veio o Jorginho. Novo sorteio e um teorema que eu sabia. Fui bem nas questões B e C também. As notas: Maria Teresa, 2; Jorginho, 9. Média, 5,5. Passei!!

Não sei como sobrevivi nas mãos da Maria Teresa nos três anos de científico que vieram depois.





A amarelada do Roberto

Carlos Ostronoff (Mochô)

Precisamente em 1955, as professoras Cleide Bonetti e Maria Aparecida, de Canto Orfeônico e Inglês, provocaram grande agito na cidade e no Colégio Horácio Soares. A Bonetti, em conjunto com os Pellegrino e Fitipaldi, criava um ambiente musical efervescente. A Maria Aparecida, com seu “sing song”, ensinava cantar em inglês.

Volta e meia o Italiano Pellegrino, aluno da terceira ginasial, era chamado para mostrar seus talentos de cantor com as canzonetas.

Logo as duas professoras inventaram um show.

Havia várias atrações: o Orfeão da escola, o Zé Ravicz declamando em inglês o “If”, de Rudyard Kipling, o Marão declamando a tradução e, finalmente, a grande atração, o Roberto Pellegrino cantando “Oh Suzana” em inglês.

Logo, por acordo com o Colégio Estadual de Palmital, conseguiram um show para mostrar na cidade vizinha os talentos ourinhenses.

Durante a performance, o desastre: o Roberto teve um lapso de memória e esqueceu a letra. Levou a mão na testa, cabeça baixa, querendo lembrar e nada. Os palmitalenses foram compreensivos.





Disse depois que um abismo se abriu sobre seus pés e derramava suor pela testa. Quase chegou às lágrimas. Dizem que seu pai, um grande cantor, cortou a mesada. Dona Maria, a mãe, teve muito trabalho para consolar o filho preferido.

Mas a galera, impiedosa, a cada encontro, imitava o gesto da mão na testa.

A rede estadual de ensino selecionava os professores por concurso. E eles escolhiam a cadeira conforme sua classificação. Nem sempre conseguiam a cidade que queriam. A cada ano havia nova escolha de cadeira e os professores podiam melhorar sua classificação com, por exemplo, atividades extracurriculares, como esses cursos e shows. Pode ser que a Bonetti e a Maria Aparecida não gostassem muito da cidade e quisessem ir embora...





Terminar o ginásio, uma festa

José Carlos Marão

Naquele tempo, é bom essa moçada de hoje ficar sabendo, terminar o ginásio era uma vitória! Por isso, a gente chamava o fim do curso de “formatura”. Tinha, no Cine Ourinhos, entrega solene de diplomas (Opa, como diria o Luzinho Diniz: “Deproma, senhor Otávio? Certificado! Certificado!”) e baile no Grêmio, meninas de vestido comprido e meninos de gravata borboleta com direito à valsa.

No começo dos anos 50, já era um costume mais antigo, mas a tradição tinha sobrevivido. Hoje, é apenas uma releitura série.

O ano todo de 56 foi muito agitado: comissão de formatura, eventos para arrecadar dinheiro, sorteios, quermesses e bailes. Formatura custava caro: aluguel do cinema, aluguel do Grêmio, impressão de convites.

A famosa festa caipira no Cine Clube, quando o Joel Cabecinha subiu na marquise para fazer um discurso (como está contado em outra memória nesta antologia) foi em benefício da formatura da quarta série.

Um baile nos Armazéns Gerais, chamado Noite de Agosto, foi famoso por uma briga no salão, abafada pela pronta e ruidosa ação do Lino e sua orquestra,





Mas apareceu uma coisa maior que diminuiu o brilho de tudo isso.

O Domingos Perino Neto era da nossa classe. E, vejam como era importante o acontecimento: o Duia Perino, pai dele, resolveu fazer um grande churrasco.

Foi a grande festa, maior que aquela do último dia de exame. Roubou a cena da entrega de certificados e da valsa no baile. E certamente foi a primeira vez que aquela turminha viu tanta cerveja.

Bom emprego nem precisava curso ginásial. Um exemplo: o banco. O recrutamento, que não tinha esse nome, era feito pelo gerente, direto, que perguntava: até que ano da escola você chegou? Se tivesse ginásio, ótimo, mas pouca gente tinha ginásio. Não era obrigatório. Então, o gerente dizia: senta ali e escreve uma carta. Se saísse direitinho, estava empregado.

Luiz Gonzaga Diniz foi o diretor mais ranzinza e mais icônico que já tinha aparecido naquela escola. Perfeccionista, corrigia até as tosses e os espirros dos alunos. O Cristonão, seu Otávio Cristoni, inspetor de alunos, falava o mais legítimo linguajar da Vila Nova. Um dia, foi anunciar que tinha chegado uma visita: - “A muié tá aí. Veio busca o deproma”. Luizinho, apoplético, no seu um metro e meio: - “Deploma, senhor Otávio? Certificado, certificado!”.





O meu brilhante desempenho

Carlos Ostronoff (Mocho)

Terminada minha apresentação de piano no Grêmio, estouraram efusivos aplausos, gritos de bravo e incompreensíveis e impossíveis pedidos de bis. Fui o mais aplaudido da noite. E não sabia onde enfiar a cara.

Eu tinha tido quatro anos de piano com a Elza Preta, mas ela mudou de Ourinhos. Na despedida, disse que eu deveria continuar estudando, pois me considerava um ótimo filho da pauta. Continuei no Colégio Santo Antônio, com as freiras.

Logo, o Santo Antônio resolveu mostrar o talento de seus pupilos em uma audição no elegante Grêmio Recreativo.

O italiano Roberto Pellegrino, naqueles dias, tinha dado uma grande amarelada cantando “Oh, Suzana”, em inglês, em pleno cinema de Palmital, quando esqueceu a letra da canção. Abaixou a cabeça e levou a mão na testa, como quem quer lembrar.

Para se vingar das gozações, o bom Italiano, quando soube que eu ia me apresentar, urdiu uma “vingança”. Passou uma semana soprando em meu ouvido, diversas vezes ao dia: vai amarelar, vai amarelar.





Eu resistia com bom humor, confiante no meu talento. Na noite da audição, fui escolhido como a “pièce de résistance”. O último a se apresentar. O único menino entre meninas.

Respirei profundamente e dei uma última olhada no Italiano que, próximo do palco, balbuciava: vai amarelar, vai amarelar. Eu, confiante, não via necessidade da partitura. A música escolhida foi “Sobre as Ondas”, uma valsa de Mattos Rodriguez.

O público no Grêmio era gentil, compreensivo e até afetivo com os estudantes. Sabia compensar o talento e, na falta dele, o esforço.

Sentei na banquetta, ataquei o piano e deu o óbvio: amarelei vergonhosamente.

Até a mão na testa para tentar lembrar foi igual a do italiano em Palmital.





Meu primeiro dia no

Horácio Soares

Lisandre Castelo Branco

Ourinhos chegou pra mim num exame de segunda época de admissão ao ginásio. Início de 1957. Tudo estranho pra uma menina de 10 anos que saíra de casa, em Presidente Venceslau, de madrugada.

Também a sujeira vermelha era novidade e a combinação com o prédio velho não era nada atraente. A sala de aula, luminosa de sol de verão, ficava escura com a mistura de velho e sujo.

Quando as aulas começaram, deu pra notar que havia uma variedade etária que eu não conhecia. Eram poucas crianças como eu. Muitas moças. E, dentre todas, duas me chamavam a atenção. Estavam sempre muito arrumadas e fui percebendo que usavam soutien, tinham as blusas de fustão bem acinturadas, cinturas finíssimas, golas levantadas, cabelos altos, unhas feitas, o uso de maquiagem com lápis nos olhos, sobrancelhas pintadas, batom: um novo mundo para mim.

Talvez pela associação das imagens delas e da professora de desenho, dona Arlete, também vestida de um jeito estranho com roupas justas, decotadas e extremamente maquiada com batom maior que a boca, este trio magnetizou as minhas primeiras lembranças.





O diretor era o professor Yolando, casado com dona Arlete, provavelmente uma vítima de algum acidente, andava totalmente curvado. O casal me impressionava e me fazia pensar que casal era aquele.

Mas, para compensar, também existia a sobriedade da dona Diva Leonis, de geografia.

O tempo acabou dando um clima de glamour às ruas sem calçamento e à poeira vermelha no ar de Ourinhos. Mas, para quem chegava de fora, era inevitável a comparação com cidades limpas. Esse glamour, na prática, era um transtorno, principalmente quando senhoras bem-vestidas afundavam o salto alto no barro e não conseguiam tirar.





Primeira série no Instituto

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

O caminho era longo. O ano, 1967. As ruas eram, na maioria, de terra.

Com as brincadeiras no percurso, gastava uma hora para chegar, com arranhões no joelho, cabelo desgrenhado, lanche na bolsa amassado. Assim, todos os dias, vencida os dois quilômetros entre a Floriano Peixoto, lá embaixo, na Vila Perino, encostada na Raposo, até o Instituto Horácio Soares, na Euclides da Cunha, outro extremo da cidade.

Mas era um sonho realizado, estudar no Ginásio! O pai foi atrás de ajudar a realizar esse sonho, falar com o professor Domingos e outros conhecidos influentes, até que conseguimos.

Mas a realidade era outra.

Primeiro, atravessar a Jacinto Sá, que tinha poucos carros, mas muitas charretes e carroças. Às vezes, até uma comitiva de bois andando tranquila pela terra da rua.

Depois, seguir pela José Felipe do Amaral, passar pelo casarão de madeira (diziam que tinha sido um Quilombo), onde tinha várias amigas.





Lembro da Toninha e da Maria José, que não estudavam, mas tinham vontade. Naquela época ainda não entendia por que elas não podiam.

Às vezes, elas me acompanhavam até a altura da rua Nove de Julho, onde atravessava a linha do trem, saía ali onde é o correio e pegava a Euclides da Cunha. Quando ia sozinha, ia pelos trilhos, andando sobre eles, até a Cardoso Ribeiro, mas o pai e a mãe não podiam saber disso. Depois, passava pela casa da Tânia e íamos juntas conversando e rindo até chegar no Instituto.

Mais um dia de aula no resto do predinho antigo, que tinha sobrado do velho Ginásio de Ourinhos, o que parecia discriminação.

Mas não importava, queria estudar no ginásio.





Vamos virar nome de rua!

José Carlos Marão

Aquela molecada irreverente, indisciplinada, barulhenta (porém infiltrada por muitos CDFs) estava esquisita no último dia de exame oral. Uma turma unida. Tinham feito grandes eventos durante o ano levantando dinheiro para uma festa de “formatura”. Já rolava a bagunça com fotos, tipo despedida, em poses malucas, lá na trave do campo de futebol. Eram menos de 20. Alguém, difícil lembrar quem, conseguiu falar:

- No ano que vem não vai mais ter quarta A!

Uns iam para o científico, outros para o Normal, alguns para outras cidades.

- Ninguém vai lembrar de tudo que a gente fez!

- É, quando um cara morre vira nome de rua.

Também é difícil lembrar como surgiu a ideia. Foi surgindo, meio como aquelas letras de música onde cada um faz um verso e não se sabe quem foi o autor:

- Temos que fazer a rua “Quarta Série A”!

- A rua lá atrás do campo não tem nome!

Era um jeito de deixar a marca daquela turma.

De repente, surgiu, não se sabe de onde, uma velha tampa de carteira.





Até aí, fácil: era um prédio se desfazendo, tinha muitas carteiras soltas. Mas a lata de tinta verde e um pincel alguém deve ter “achado” lá com os faxineiros.

O Paulo Aurélio juntou a turma em ordem unida. E fomos todos marchando lá para a rua de trás do ginásio, atrás do campo de futebol. A marcha comandada pelo Paulo Boca em japonês (Ichi, ni, san, shi) foi direto para uma árvore, um lugar óbvio, para a placa que dizia “Rua Quarta Série A”.

O Diógenes, o mais magrinho, já estava com a placa, pronto para subir no ombro dos que estavam por ali e colocar no alto da árvore, quando alguém falou:

- Mas no ano que vem vai ter outra quarta A.

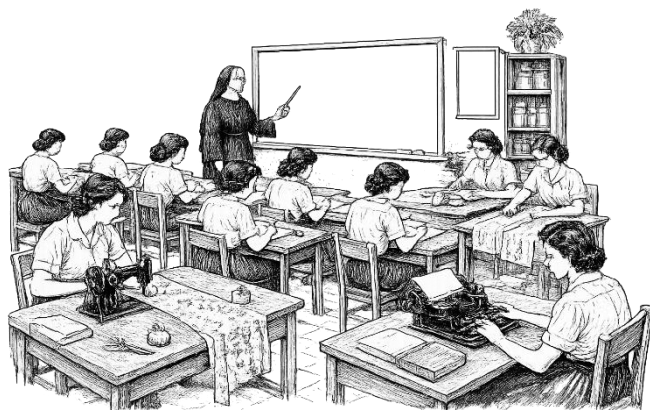
Corre buscar o pincel. E a placa foi colocada lá no alto da árvore. A rua de terra e sem sarjeta ganhou um nome: “Rua Quarta Série A de 56”.

Zelão Devienne fez o principal discurso, mas todo mundo queria falar um pouquinho sobre a união daquela turma que professor nenhum conseguiu domar, por um motivo simples: todo mundo tirava nota boa.

Hoje, a rua se chama Joaquim de Azevedo. Com desculpa ao senhor Joaquim, para nós, os que sobrevivemos, é a rua Quarta Série A de 56.



OUTRAS ESCOLAS



OVNI na Vila Odilon

Mensagem telepática: “não tenham medo!”

A Escola Profissional

Os alunos até ganhavam

Disseram que a freira assediou a aluna

Verdade ou vingança de alguém?

Boas maneiras, vírgula

Aprender usar vírgula ou a usar talheres?

O caminho para o educandário

A caravana ia se formando no caminho

Escola de “outro tipo”

Mais uma profissionalizante, do Sesi

E ninguém viu os ossos da baleia

O esqueleto estava exposto, mas foi embora logo



OVNI na Vila Odilon

Chyseide B. Escobar Gavião

Nossa pequena turminha era feliz: já tinha bullying, preconceitos, discriminação, mas a gente não ligava. Eu, pobre, bolsista no Santo Antônio, no meio de uma elite, tinha algumas poucas colegas queridas.

Em 1955, no quinto ano primário, era com a Neide, que vinha da Vila Odilon, quase outra cidade, que eu dividia minhas conversas nos intervalos.

Uma vez ela sumiu da escola por uma semana. Diziam que estava doente porque tinha visto um disco voador. O tom era de ironia, piada, até desprezo.

Fiquei apreensiva: a Neide era concentrada nos estudos, equilibrada. Até que ouvi a versão completa.

Como a Vila Odilon era longe, ela vinha de charrete com seu irmão. Bem cedinho iam para o pasto atrelar o cavalo. Um dia, coisa de seis horas, estavam nessa rotina quando, surpresos, viram um objeto que girava numa velocidade altíssima, a um metro do chão.

Ela e o irmão se agarraram na cerca de arame, assustados. O cavalo saiu em disparada. Ficaram ali, pasmos, até que o objeto parou no ar. Abriu-se uma porta e duas criaturas apareceram. Eram altas, bonitas, brancas e de longos cabelos. Conversavam entre si.





Quando olhavam para os dois, eles “ouviam”, incrédulos, uma frase em sua cabeça: “não tenham medo”. Telepatia! Mandaram essa mensagem várias vezes. Os dois, assustados, não conseguiam sair do lugar.

Finalmente, as criaturas entraram na “nave”, movimentaram o objeto na mesma velocidade e subiram verticalmente até desaparecer. No local onde estava, ficou um círculo de grama queimada.

Assim, em choque, ficaram sem aparecer na cidade por dias. Cada vez que a Neide contava essa história eu ficava encantada. Nunca tive medo. Sempre acreditei. Acredito até hoje.

Passados vários anos, encontrei minha colega em uma festa na chácara de um amigo. Agora, duas adultas, formadas, lecionando. Alegres com o reencontro, conversamos muito. Eu perguntei do ovni. Depois de tanto tempo, ela poderia rever a história. Ela manteve a história e garantiu que tudo era verdade.

Então conto isso agora, para deixar registrada uma visão particular do que, na época, foi um alvoroço. Saiu no jornal e foi falado por muito tempo.

A Neide, que está viva, se ler esta história, vai se lembrar de tudo e confirmar. Espero que ela goste do nome Neide, que usei para preservar sua privacidade.

Um forte abraço, Neide!





A gente até ganhava

Euclides Rossignoli

Em fevereiro de 1951, fiz 12 anos e fui estudar na Escola Profissional de Ourinhos, na Vila Margarida: curso de Ajustagem Mecânica de 2 anos. Aprendi, em aulas práticas e teóricas, a fazer artefatos de ferro, como ferramentas, de acordo com desenhos técnicos.

Além de salas de aula, a escola tinha uma boa oficina, com bancadas com morsa, tornos, fresas, forjas e bigornas. Cada aluno tinha sua bancada e recebia, como ferramentas, escala, arco-de-serra, lima e paquímetro. Recebíamos o material bruto, barra, lâmina ou tarugo de ferro junto com o desenho da peça a ser feita. Trabalhávamos o material na bancada usando a morsa e as ferramentas que nos davam. Acabada, um dos mestres conferia e providenciava o material e o desenho da próxima peça. Íamos das coisas mais simples para as mais complicadas, aquelas em que tínhamos de usar o torno e a fresa. A primeira peça era uma ferramenta muito simples, o saca-bucha. Depois vinham esquadro, martelo, arco-de-serra.

O dia começava com aulas das duas disciplinas mais afins do curso: desenho técnico e tecnologia (nada a ver com o termo atual). Depois, a oficina. As aulas de desenho técnico eram com o professor Olavo, que era de Tatuí. As de tecnologia eram com o professor Homero Taveiro Ramos. Os dois comandavam as atividades da oficina.

Eu gostava muito da escola, apesar de não ser valorizada pela comunidade





Tive um bom número de colegas nisseis, cujos pais sabiam da sua importância.

Foi nesta escola que ocorreu o intrigante fenômeno de um aluno que apareceu de uniforme na cor verde, quando todos (eu disse todos) os outros estavam vestidos com a cor caqui. É que os professores passaram quase um mês explicando que o uniforme era na cor caqui, mas ele, o de verde, que por ironia era filho de um professor, argumentava que ouviu muito bem que o uniforme tinha que ser na cor verde, verde garrafa. A maioria dos professores e alunos concluiu que estávamos diante de um mistério! E eu, até hoje, nem sei se existe essa tal cor verde garrafa.

Detalhe interessante: o governo nos pagava um dinheirinho, certamente com o propósito de desestimular evasão. Tenho saudade daquela escola e daqueles tempos.





A freira atacou aluna?

Ana Lúcia Chiaradia

O caso que vou contar não sei se é verdade, mas movimentou demais o Educandário Santo Antônio.

Certo dia, chegando para a aula, logo de manhãzinha, percebi um alvoroço e um “disse-me-disse” que não era comum naquela hora. Todo mundo meio que dormindo em pé, meninas assustadas.

Corria, à boca pequena, a história: a freirinha que tomava conta do dormitório tentou agarrar uma delas durante o banho. E a menina não gostou e reagiu.

Disseram que foi uma correria danada de meninas e freiras que ainda dormiam quando a gritaria começou. Meu Deus, foi um dia memorável!

Parecia ser coisa inventada por alguma interna revoltada sei lá o porquê! Depois de um tempinho, a irmã apontada desapareceu do pedaço. E daí foi motivo de outro falatório.

Se foi fato, não sei.

Mas o falatório aconteceu!





Boas maneiras, vírgula!

Ana Lúcia Chiaradia

Tinha 10 para 11 anos quando fui para o ginásio no Santo Antônio: uma professora para cada matéria e quantas! Percebi uma diferença entre o que eu aprendia lá e muitas amigas aprendiam no Horácio.

Enquanto no Horácio se aprendia o uso da vírgula ou achar um misterioso “x”, no Santo Antônio nos ensinavam como sentar, usar talheres, não sentar de pernas abertas e adivinhem o que mais? Era proibido passar na frente do Café Paulista, o ninho de cobras. Era para não 'ficar falada'.

Meu cunhado, religioso, conseguiu uma graça e tinha feito uma promessa de comungar por trinta dias. Eu, beata, resolvi acompanhá-lo. Igreja velha, 7 horas.

Terminada a Missa ele me levava junto para tomar café. Adivinha onde?

No reduto da perdição: o Café Paulista.

Paguei esse pecado comungando mais 30 dias.





O caminho da escola

Cidinha Teixeira de Freitas

Era aquele sol de meio-dia, em Ourinhos. Quem conhece sabe.

A gente, criança, de 7, 8, 9 anos ia prá escola sem gente grande tomando conta. Não precisava. Não tinha ladrão e ninguém sabia o que fosse um estuprador. Ah, sim, ninguém tinha carro.

E nem sentia tanto calor, apesar da saia de casimira, da meia preta, do sapato fechado. Era a idade. Carregava a pasta com material escolar, que era quase maior do que nós. Além da lancheira, claro.

A subida começava na Barra Funda, passava a linha do trem, cruzava o jardim até a 9 de Julho (ou ia direto pela rua São Paulo), pegava a Arlindo Luz ou a Rio de Janeiro para chegar no Colégio Santo Antônio. No caminho, iam aparecendo outras meninas, com a mesma roupa, no mesmo caminho. A gente chegava em grupos.

Alguma noviça (chamada de Soror) estava lá esperando. Quando não era a própria irmã Benigna, que colocava ordem em tudo.





Escola de “outro tipo”

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Era uma construção na rua Barão do Rio Branco, na Vila Perino. A gente ficava acompanhando e nem imaginava o que podia ser. Mesmo quando a construção terminou, o povo ainda especulava.

Até que chegou o dia da inauguração: homens de terno, carros de luxo, palanque, discurso. E nós lá, assistindo sem entender nada! No outro dia, uma fila para fazer matrícula: era uma escola!

- Mãe, vai lá sabê! É pertinho, dá pra gente estudá ali.

Lá foi a mãe saber.

- Vocês vão continuar onde tão mesmo, no Grupinho e no Ginásio, ali é outro tipo de escola.

E eu soube que a escola do Sesi era "outro tipo de escola". Era mais uma escola profissionalizante.

Nós não fomos, mas minha mãe foi.

Em 1969, lá mesmo, abriu uma sala de MOBREAL: ela se matriculou, para aprender a ler e escrever aos 32 anos.

A Dona Rosinha era decidida!





E ninguém viu os ossos da baleia

Clyseide B. Escobar Gavião

Na saída da aula, um aviso que deixou todas as meninas alegres:

Amanhã, não tem aula.

Vocês vão ver a carcaça da baleia.

Duas freiras iam nos levar para ver os ossos da baleia, montados no centro da cidade. Foi em 1956 ou 57. De vez em quando as freiras nos levavam para passear na cidade. Era um refresco para todas.

Eu sabia que a baleia não estava mais lá, mas fiquei bem quieta. A cidade inteira tinha ido ver. Eu não fui por um motivo muito simples: embora fosse barato, o dinheirinho da minha mãe não dava nem para isso.

Havia um terreno vazio ali ao lado do Bar Central. Logo abaixo vinha o dentista, a farmácia, o doutor Monzilo, o Thomé e a Casa Nortista, de frente para o jardim, continuação da Altino Arantes.

Esse terreno era sempre alugado para exibir extravagâncias, como a mulher barbada. Uma vez um faquir ficou lá sem comer, deitado em uma cama de pregos, na companhia de duas cobras, por trinta dias.





E ninguém viu os ossos...

No dia seguinte fomos felizes para a escola e felizes para o passeio. Se eu sabia que a baleia tinha sido levada, outras meninas também sabiam. Mas ninguém falou nada para não perder o passeio.

Chegamos. As duas freiras viram o terreno vazio. Surpresa. Foram perguntar, a baleia tinha ido embora há três dias. As meninas tentavam disfarçar suas risadinhas, olhando o chão, tapando a boca. A decepção e a sensação de terem sido enganadas deixaram as freiras furiosas. Voltamos a toda e nos fecharam em uma sala.

Cada uma tinha que explicar o porquê de não ter avisado. Não sei o que as outras disseram nem lembro o que eu disse.

Mas aprendemos muito naquele dia.



A ESTAÇÃO



As visitas inesperadas

Vinham, comiam, dormiam e não voltavam

A estação, o trem, as passagens

Despedidas, embarques, correria

Uma viagem tranquila

O carro leito podia ficar na estação



Todas as estações e aeroportos têm suas histórias de chegadas e partidas. A estação de Ourinhos tinha mais. Era o ponto de encontro entre a Sorocabana, que vinha de São Paulo, e a linha para o norte do Paraná, com promissoras oportunidades de trabalho. Famílias inteiras trocavam de trem em Ourinhos. E nem sempre tinham o que comer. Nem podiam pagar um pernoite.

As visitas inesperadas

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Apareciam de vez em quando, não eram parentes e nunca mais voltavam: famílias inteiras vinham para almoçar ou jantar e minha mãe fazia aquelas paneladas de comida.

Eu tinha uns 4 ou 5 anos.

Uma vez, chegaram tarde, quase hora de eu ir para a cama: um casal e um bando de crianças, umas 3 ou 4, não me lembro direito. Falavam de um jeito meio estranho, diferente do nosso, mas a gente entendia.

Minha mãe arrumou camas, colchões pelo chão, fez janta. Todo mundo foi dormir. Para mim, tudo era festa. No outro dia, logo cedo, se despediram, agradeceram e partiram. Eu ficava eufórica com a movimentação e nem imaginava o que podia ser.

Mais tarde comecei a entender. Eram famílias que desciam na estação e esperavam baldeação, ou para o norte do Paraná, levando a esperança de um emprego, ou de volta para São Paulo, carregando sua desilusão.





Os horários dos trens não eram sincronizados.

Se chegavam de manhã, ficavam perambulando pela estação, sem comer, esperando o próximo trem. Se chegavam à noite, dormiam ali pela plataforma mesmo. Não tinham dinheiro nem para a comida, muito menos para o pernoite em uma pensão.

Meu pai, que trabalhava na Rede e eventualmente passava pela estação, não aguentava ver isso. Tinha um coração enorme. Levava migrantes para nossa casa, que se transformava em pensão solidária para pessoas de várias partes do Brasil.

Aprendi com meu pai.





A estação, o trem, as passagens

Ana Lúcia Chiaradia

- Ana Lúcia, quando vier de novo, mande comprar sua passagem de volta com antecedência.

E dava risada, o Góis, aquela simpatia. Atrás do guichê da venda de passagens na estação, sempre dava prá ver o Pirulito, uma espécie de ajudante, o Góis e o pai do Zuin. Para todo mundo era o seu Góis. Mas, para mim, que me achava quase da mesma idade que ele, era só Góis. Além disso, era meu conhecido.

Eu já morava em São Paulo. Quase sempre ia para Ourinhos junto com a Dora Preta, em uma cabine de leitos do trem de luxo. A gente comprava a passagem de primeira e a cabine (a viagem demorava até 12 horas). A cabine de volta tinha que ser comprada com muita antecedência. Ou ser amigo do Góis ou do Zuin.

Era em um saguão grande, bem no meio da estação, onde, à esquerda, ficavam os guichês. Um portão, guardado por um eficiente ferroviário, permitia entrar na plataforma de embarque. Ele picotava os bilhetes e a gente passava (durante a viagem o bilhete passava por várias picotagens, que não sei como chegava inteiro).

Quem ia só para se despedir, tinha que comprar um passe, que dava acesso à plataforma. Ou então dar a volta lá pela rua Antônio Prado e caminhar por toda a plataforma dos armazéns de carga, que continuavam com a plataforma dos passageiros.





Muita gente fazia isso, não só para se despedir de quem viajava. A estação também era um ponto de encontro, um lugar para passear. Ou para tomar umas no bar do Luizinho Contrucci. Ou até para embarcar sem pagar passagem e ficar a viagem inteira se escondendo do chefe do trem nos banheiros apertados.

A gente comprava a passagem, passava para a plataforma e ficava esperando. Em um certo momento, tocava uma espécie de campainha de despertador:

- Olha aí, já partiu!
- Partiu o quê?
- Partiu de Salto Grande.

O telégrafo avisava que o trem já tinha saído da estação anterior e a campainha era para alertar os passageiros. Tinha que ser esperto. O trem parava pouco tempo. E aquele povo embarcando com criança e mala era muito lerdo.

A gente já começava os abraços da despedida e enquanto vinham chegando aqueles vagões prateados.

- Tchau mãe! Até a volta!

Havia três horários noturnos de trem para São Paulo. Dois vinham da Alta Sorocabana e um vinha do norte do Paraná. Havia um trem diurno também, que passava por Ourinhos ali pelas 10 da manhã. De São Paulo para o interior, havia também três noturnos e um diurno.





Uma viagem tranquila

Carlos Ostronoff (Mocho)

Nos limiares de mil novecentos e antes (apud Paulo Boca), a única maneira de se ir para São Paulo era com o trem da Sorocabana.

Eram quase doze horas para percorrer coisa de quatrocentos quilômetros.

A maneira mais confortável de viajar, então, eram as cabines com leito. Era necessário comprar a passagem de primeira classe e, separadamente, a cabine com leito. Era como viajavam aqueles que não se importavam de gastar uns cascalhos a mais

Os vagões leito de um dos horários noturnos eram engatados em Ourinhos. O trem chegava de manhã, os passageiros mudavam para a primeira classe ou desembarcavam e os carros leito ficavam para limpeza, esperando a composição voltar à noite.

A dona Helena Pinchowisky, saudosa esposa do igualmente saudoso seu Manoel, o dono da loja de móveis, tendo o bilhete com cabine, achou prudente chegar antes na estação, para não perder o trem.

Sabia que o vagão leito estava no pátio e seria engatado na composição que vinha de Assis;





Perguntou se já poderia embarcar, deixaram.
Assim já poderia dormir.

Foi alojada na confortável cabine e não
demorou para entrar em alfa, em uma viagem sem
solavancos, trepidações ou apitos.

Ao levantar às oito da matina, estranhou a
paisagem e perguntou ao ferroviário que passava
martelando as rodas do trem do outro trilho:

- Moço, onde estamos?
- Aqui é Ourinhos, dona.

Ela tinha entrado no vagão errado.



GUERRA É GUERRA



A festa da vitória

Imigrantes italianos e alemães comemoraram

Farinha de trigo, só em Chavantes

Tudo era racionado: trigo, óleo, gasolina

Óleo de cozinha

A distribuição e as filas

Tempos de guerra: a solidariedade

Os vizinhos se ajudavam, sem preconceitos

O tanque de areia e o mundo

No mesmo instante, lá longe, grandes decisões



A festa da vitória

Joaquim Luiz Bessa Neto

A Segunda Guerra havia terminado.

Haveria, na Praça Mello Peixoto, grandes manifestações. Eu, aos seis anos, fui levado pelo meu pai para assistir à festa. Assistimos do Café Paulista.

Um desfile dava a volta na Praça, levando três caixões, com os nomes de Hitler, Mussolini e Hirohito. Todo mundo exaltando o fim da Guerra.

Ourinhos tinha muitos italianos e descendentes de italianos. Também alemães e seus descendentes. Grande parte deles estava no desfile.

Da colônia japonesa, para quem Hirohito era Deus, não sei se havia algum deles. (Mas, em pouco tempo, toda a colônia japonesa estava integrada na cidade, em todas as atividades.)

Poucos dias depois da festa, houve um grande apagão. Derrubaram uma torre de transmissão que vinha de Piraju. As más línguas logo disseram que tinha sido vingança do Hirohito.

Mas certamente foi só um acidente mesmo.





Farinha, só em Chavantes

Joaquim Luiz Bessa Neto

Segunda Guerra Mundial. A farinha de trigo era escassa, racionada. Pão era feito com farinha de mandioca ou milho. Minha mãe fazia pães de farinha de milho. Eu tinha 5 anos e lembro que ela detestava.

Correu a notícia de que em Chavantes uma padaria vendia farinha de trigo e pães de farinha de trigo.

Meu pai não tinha carro. Um amigo dele tinha, mas não adiantava: a gasolina era racionada. Mas havia uma cota de combustível para médicos. Meu pai pegou o carro emprestado do amigo e lá fomos nós para Chavantes comprar farinha. Era por uma estradinha municipal, de terra, que seguia paralela à ferrovia.

Descemos em uma padaria, compramos pão e farinha. Minha mãe, pelo menos por um tempo, livrou-se do pão de farinha de milho.

Ourinhos, naquele tempo, era uma cidade menor. Menor que Chavantes, menor que Santa Cruz, menor que Jacarezinho, menor que Cambará, menor que Assis.





Segunda guerra e o óleo de cozinha

José Carlos Marão

O racionamento de óleo durou ainda alguns anos depois da guerra.

Quando chegava o óleo de cozinha, era distribuído pela Prefeitura, que ficava naquele prédio velho, na esquina da Altino Arantes com Cardoso Ribeiro, na frente da casa do doutor Hermelino.

A fila começava ali e se estendia pela Cardoso Ribeiro até dobrar a esquina da rua Paraná.

A gente é que tinha que levar o vasilhame. O óleo vinha em tambores. Não lembro direito do regulamento. Sei que eram permitidos dois litros por pessoa. E não dois litros por família.

Então, eu, nos meus 7 anos, fui lá prá fila, levando dois litros vazios que eu mal conseguia carregar depois de cheios. Mas morava perto, na própria Cardoso, a uns poucos metros da Prefeitura.

Já o Agenor Rossignoli, que deveria ter a mesma idade, conta que chegou em casa chorando: tinha deixado cair um dos litros.





Muito depois soube, pelo poeta Joel Guardiano (celebrado professor universitário em Curitiba) que a molecada lá da rua Duque de Caxias, muito mais esperta que a turma lá de cima da linha, soube tirar proveito da necessidade de óleo das casas.

Arrumaram litros vazios, lavaram e foram para a fila oferecer seus préstimos. Por qualquer “dois merréis” ficavam na fila para aqueles que queriam aumentar seu estoque de óleo em casa.





Tempos da Segunda Guerra: a solidariedade

Ana Lúcia Chiaradia

Mudamos para Ourinhos em maio de 1940: plena segunda guerra.

Logo fomos morar na 9 de Julho, quase esquina da Expedicionário. Eram nossos vizinhos o Seu Menezes e família, dona Maria Beltrami, dona Hercília, Dona Zelinda Abuhamad. Em frente, moravam seu Romeu do cinema e o Beibe da loja.

Éramos, todos, bons vizinhos.

Não me lembro o que comíamos, mas me lembro do tempo da escassez de comida. Penso que havia também escassez de notícias.

Não havia rusgas racistas. Dona Ana, judia casada com o Beibe, também judeu, recebia ligações no telefone (número 5) da dona Zelinda Abuhamad, descendente de árabes.

A dona Zelinda era de família muito rica. Tinha várias fazendas. Ela recebia muita coisa das fazendas. Coisas de comer.





Arroz, feijão, farinha de milho, galinha, carne de porco. Na guerra, ela aumentou a quantidade que vinha das fazendas e distribuía entre nós. Era uma festa receber manteiga. A gente cozinhava com banha.

E na dificuldade da guerra, os meninos iam caçar coelho para fazer em casa. Caçamos muito onde hoje é o correio. E, atravessando a linha de ferro, colhíamos muita serralha e uma outra verdura amarga da qual não me lembro do nome. Pegávamos agrião fresquinho e maravilhoso nos córregos.

Todos que tinham quintal plantavam alguma coisa. Acho que vem daí o meu gosto de fazer uma hortinha sempre que morei em casa. Hoje plantei pimentão num balde furado.





O tanque de areia e o mundo

Joaquim Luiz Bessa Neto

Tenho aqui uma foto da Praça Mello Peixoto feita nos anos 30.

O texto que acompanha a foto menciona, entre outras coisas, o tanque de areia para as crianças brincarem, que existiu por muitos anos em frente da Joalheria e Ótica Paris. Conheci o tal tanque, mas nunca cheguei a vê-lo cheio de areia.

Essa imagem me faz lembrar de outra foto, tirada por meu pai: minha mãe sentada na mureta que cercava o tanque e, ao lado, eu e o meu irmão mais novo, Alfredo.

O ano, provavelmente, 43 ou 44.

Churchill, nesse dia, conforme todos os registros históricos, planejava a ofensiva do “D”, enquanto fumava o seu “puro” entre goles de champanhe, em Downing Street 10.

O fenômeno é engraçado. De repente, uma foto provinciana congela o tempo.

No mesmo instante da foto, grandes decisões vão, de alguma forma, influenciar o futuro dos que estão ali retratados.





O tanque de areia...

O tanque, durante a guerra, foi usado para receber sucata de metais, que as pessoas doavam para o esforço de guerra. Tambores, penicos, bacias, aros, latas e toda a sorte de utensílios atulhavam aquele espaço.

O racionamento, sobretudo de farinha de trigo, e a gasolina substituída pelo gasogênio, são memórias da infância de tempos caóticos. Fatos do momento grave que a gente vivia e que eu nem percebia.

Mais tarde, após a guerra, me lembro que o espaço do tanque virou rinque de patinação por algum tempo, até que na reforma de 1958 foi extinto de vez.



CURAS E BÊNÇÃOS



Sinhá Ana, a benzedeira

Ela ficava no velho cemitério, até que foi loteado

Farmácia da terra

Os remédios estavam na rua e no quintal

Santa Casa, hospital moderno

Nos anos 40, Ourinhos já fazia cirurgias

Chás e benzeduras, a saúde na via

Sem vacinas, sem remédios, a benzedura ajudava

Padre Duílio caiu do céu

Sim, havia médicos, para as urgências



Sinhá Ana, a benzedeira

Clyseide B. Escobar Gavião

Faz muito, muito tempo: no cemitério velho e desativado, as crianças corriam e brincavam, entre flores multicoloridas e borboletas que voavam.

Lá, num cantinho afastado, em uma casinha de madeira, morava uma velhinha, Sinhá Ana, junto com seu filho, também já idoso. Tinham um fogão à lenha, algumas poucas velhas panelas e dois ou três bancos de madeira, onde recebiam muitas visitas.

As pessoas queriam ser benzidas e curadas pela Sinhá Ana. Ou queriam que ela visse sua sorte, seu futuro. Eram, quase sempre, mocinhas bonitas e perfumadas, poucas senhoras.

Era um cotidiano feliz. Crianças, borboletas e visitas. Mas o lugar foi loteado. As crianças foram sumindo. Não se ouviu mais falar em dona Ana.

Parece que fizeram ali uma cadeia onde os presos, à noite, viam assombrações do antigo cemitério.

O Cemitério Municipal de Ourinhos foi inaugurado em 1928. Antes, havia um pequeno cemitério, na Avenida Jacinto Ferreira de Sá, encostado nos trilhos do trem, no extremo oposto da Raposo Tavares, onde hoje é o Centro de Ressocialização. Era ali que Sinhá Ana benzia pessoas e lia futuros.





Farmácia da Terra

Agenor Rossignoli

Eu ia lá na linha do trem, pegar erva cidreira prá mode fazer chá. Lá em casa tinha arruda, alecrim, hortelã, guaco. Na rua, tinha outras ervas.

Farmácia só quando o assunto era muito sério.

Tinha um matinho, eu não me lembro o nome, que eu pegava de monte, prá fazer vassoura, prá mode varrer o forno quando ia fazer pão.

Acho que adquirimos muitos anticorpos na infância. Por isso que tamo tudo véio.





Santa Casa, hospital moderno

Relatado por Joaquim Luiz Bessa Neto

- Quem me operou foram os bichos, o Leão e o Lobo!

Nos meus seis anos de idade, em 1945, alguém, por malvadeza, tinha me ensinado a responder assim, quando falavam na minha recente operação de apendicite. É que o cirurgião tinha sido o dr. Hermelino Leão e o anestesista o doutor Lobo.

Esse fato, banal, na verdade, comprova que Ourinhos, a partir dos anos quarenta, tinha condições de atender casos de cirurgia até de média complexidade, na já bem equipada Santa Casa de Misericórdia.

A pedra fundamental da Santa Casa foi lançada em 23 de março de 1941, em uma cerimônia marcada para as 15 horas, mas não deu certo: caiu um temporal. A cerimônia só aconteceu às 16:30.

Logo em 10 de agosto de 1941 já houve a grande festa comemorativa do final da obra de cobertura da Santa Casa. A Voz do Povo, jornal da época, noticiava que compareceram mais de 300 pessoas com representantes de todas as classes sociais.





Ourinhos era tão pequena que a banda para a festa veio de Ipaussu.

A administração ficou a cargo das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, que em 1945, quando fui operado, tinham experiência e grande capacidade.

Vários deste grupo passaram por lá. O Carlos Ostronoff, para a cirurgia de uma hérnia escrotal, pelo próprio doutor Hermelino. Minha prima Poliana, de apendicite. O Marão, também de apendicite.

E as irmãzinhas ajudavam muita gente, de outras formas. Quando o padre Felipe Dimant chegou em Ourinhos para lecionar inglês, foi muito bem recebido por elas.

É, o padre Felipe morava na Santa Casa.





Chás e benzeduras, a saúde na Vila

Euclides Rossignoli

Antes de entrar para o grupinho, em 1946, tínhamos muito tempo para brincar.

As crianças brincavam jogando futebol com bola de meia. Jogavam bolinha de vidro. Caçavam os pobres passarinhos com estilingue: rolinha, tico-tico, tiziu, chupim, sanhaço, bem-te-vi, sabiá, curruíra, anu-preto. Brincavam rodando pião. Subiam em árvores, iam ver matar boi no matadouro, rodavam arco, pulavam sela, faziam guerra de mamona, brincavam de bilboquê. Não faltavam brincadeiras.

Mas havia também coisas ruins naquele tempo.

Não havia vacinas, exceto para a varíola.

Eram comuns as mortes por sarampo, tétano, difteria, crupe. A varicela e a tosse comprida (coqueluche) também castigavam a criançada.

Eram tempos difíceis --- a Segunda Guerra Mundial só acabou em 1945. Os medicamentos eram poucos e duvidosos.





A maioria das famílias da Vila acreditava e recorria aos chás (camomila, hortelã, erva-cidreira, boldo, erva-doce, losna, poejo, arruda) e às benzeduras.

Dona Filéia era uma conhecida benzedora.

Minha mãe benzia mau jeito:

- “O que que eu coso? Rendidura destroncada. Nervo torto, carne triada, osso rendido ...”





Padre Duílio caiu do céu

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Dona Rosinha já tinha feito tudo que tinham ensinado e a menina continuava queimando de febre:

- Nada que me falam pra fazer dá certo...

Nisso, alguém chama lá do portão:

- Dona Rosinha!?

- Padre Duílio? Como o senhor veio aqui bem agora? Foi Deus que mandou!

- Eu vim falar com o Sebastião, ele está?

- Não, tá trabalhando, mas o senhor caiu do céu! Eu preciso levá a Carmen no médico ou na farmácia do Mirto.

- Eu levo a senhora e a menina, tô com o jipe parado aí na frente.

- Obrigada, vou chamar a cumade Hermínia pra ficar com as outras crianças que não podem ficar sozinhas e nós já vamo padre. Deus lhe pague.

E lá foi a Rosinha com a menina no colo, ardendo de febre!





- Onde é melhor, padre, no Dr. Monzilo ou direto na farmácia?

- Onde está o Dr. Monzilo nesse horário, a senhora sabe?

- No consultório ou na casa dele, deve ser.

Acharam o médico, a menina foi examinada. Era só garganta inflamada. Receitou um antibiótico.

No retorno para casa, no jipe do padre, passaram na farmácia do Milton. A Carmem estava medicada. Dois dias e tudo volta ao normal, até a próxima febre de alguma criança.

E o que será que o padre Duílio queria falar com o Bastião?



E COMIAM...



O açougue de porta em porta

Seu Chico Bucheiro levava o açougue em casa

E eu corria atrás do açougue

Se a gente ouvia a buzina, precisava ir

Criadas a leite de cabra

A importância das cabritas

O almoço de cada dia

Todo dia, as meninas levavam o almoço do pai

Boiadas, cavalos e apostas

O matadouro juntava peões e cavalos



O açougue em casa

Diógenes Ferreira

Sabia que Ourinhos já tinha um açougue que vendia carne de porta em porta?

Compadre do meu pai, seu Chico Bucheiro tinha uma carrocinha fechada, revestida internamente de folha de alumínio.

Nos dias em que abatiam gado, comprava todos os miúdos do boi: pés, orelhas, coração, rins, bucho, língua. Comprava também um pouco de carnes nobres.

Colocava tudo na carrocinha e vinha vender na cidade. Tinha uma buzina de pera de borracha pra chamar atenção e anunciar sua passagem. Havia encomendas. Meu pai era freguês assíduo.

Seu Chico tinha uma família numerosa. As filhas eram muito bonitas. Trabalhou direitinho com as carnes: logo já era um sitiante prestigiado. Era padrinho do meu irmão Glauco.





E eu correndo atrás do açougue

Agenor Rossignoli

Quando moleque corri muito atrás dessa carrocinha que vendia carne.

A gente nem sempre ouvia a buzina e tinha que correr para comprar carne. O forte eram os miúdos.

Seu Chico tinha, de fato, muitos filhos. Filho homem, só me lembro de dois, o Dinei e o Mané. As moças, tinha cada uma mais bonita do que a outra. Me lembro bem da Lica e da Liquita. Nessa uma, Liquita, a boniteza chegou ali e parou.

Mas tinha mais cachorro que filho. Lembro de uma época que ele tinha mais de 15 cachorros. Alimentados com bofe, o pulmão do boi.

Entre a cachorrada tinha uma que se destacava, a Tiroleza. O Carlos Nicolosi, quando ia caçar de espingarda, sempre pedia essa cachorra emprestada.

Carlos Nicolosi era outra grande figura da cidade. Gostava de criar cachorros de raça. Era entendido. Entre outras coisas, treinava a fanfarra do ginásio.





Criados a leite de cabra

Euclides Rossignoli

Não se pode falar da Vila Nova daquele tempo sem nos lembrarmos da grande quantidade de cabras que ocupava suas ruas. Um animal dócil, simpático e de enorme importância naquele lugar e naquela época.

Naquele pedaço da cidade, loteado pelos Christoni, viviam ferroviários, comerciantes, carpinteiros, carroceiros, alfaiates, sapateiros, marceneiros e outros. Trabalhadores para quem as cabritas eram muito importantes.

A cabrita é um animal rústico e invasor que come de tudo, até lata e caixa de papelão, dizem os mais exagerados. Na Vila Nova elas eram criadas para dar leite às crianças. Foram responsáveis pela nutrição infantil por muito tempo.

Tinham dono, mas eram quase uma propriedade comunitária. À noite, com seus filhos, os cabritinhos, tomavam conta das ruas, lugar que elegeram como dormitório.





O almoço de cada dia

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Era o almoço do pai, que a gente levava lá na Rede, todo dia.

- *Quem vai hoje?*

- Eu vou!

- *Maria Tereza vai junto, mas sem fazer hora!*

- *O cardeirãozinho já tá arrumadinho, a garrafa de café também, tá tudo no bornázinho! Vão com Deus, cuidado na rua pra atravessá a Duque!*

- Mãe pode levar o bambolê?

- *Pode, mas anda que tá tarde!*

- Bença mãe!

- Deus abençoe!

Lá vão as meninas, Vera e Maria Tereza, com seu bambolê, Barão do Rio Branco abaixo, Barão do Rio Branco acima, revezando o bambolê...

O pai, esperando ansioso a boia chegar.

A sirene da rede já tocou, corre, corre!





Boiadas, cavalos e apostas

José Carlos Marão

O Orestes, que tinha o açougue lá em cima na rua Paraná e tinha cara de bulldog, sempre andava na rua acompanhado de seus dois bulldogs. A turma dizia:

- Lá vem a trinca de bordogue.

Que eu me lembre, prá cima da linha, tinha dois açougues. O União, na frente do armazém dos Mori, e o Orestes, lá em cima, mais prá perto do Tone.

Talvez houvesse outros açougues, não lembro. Prá baixo da linha ou na Vila Nova devia haver mais uns tantos. A Vila Odilon tinha, mas lá era outra cidade.

A carne vinha do matadouro, que ficava quase fora da cidade. De madrugada, o gado era abatido. Ourinhos, claro, já tinha frigoríficos. Não muitos, mas tinha. Só que não precisava.

A carga, ainda sangrando, era levada em um carroção grande, de quatro rodas. A carne chegava fresquinha em qualquer açougue, a tempo de atender as velhinhas madrugadeiras.

Era lá no matadouro que chegavam as boiadas. Às vezes, até passavam pela cidade.





E também era lá por perto do matadouro que se juntava a peonada. Tinha pasto pro cavalo, tinha botecos, tinha a zona logo ali. Também tinha muito terreno aberto, onde sempre dava prá disputar umas carreiras e apostar uns dinheirinhos.

E a coisa se profissionalizou. Tinha corrida mesmo, valendo dinheiro. A ponto de despertar o interesse de pessoas gradas da cidade, sempre atentas a um bom e honesto negócio.

Até o Chicão, um gordão de seus um metro e oitenta, que tinha posto de gasolina na Duque de Caxias e tinha um cavalinho muito valente chamado Guarani, também ficou interessado.

Levou o Guarani e ganhava todas.

Enquanto, nos mesmos anos 40, em Cidade Jardim, o Gualicho enchia de alegria os Almeida Prado, em Ourinhos, o Guarani enchia os bolsos do Chicão.



ACONTECEU!



A visita de Marta Rocha

Todos queriam ver a mais bonita do mundo

Nós, as modelos

Desfile de maiô e convite da Catalina

O dentista assassino

O crime que chocou a cidade

Coincidência ou boas vindas

Mesmos nomes, mesma idade



Marta Rocha na cidade

José Carlos Marão

Todo mundo queria ver de perto: afinal, era a mulher mais bonita do mundo. Vinha para Ourinhos!

Marta Rocha tinha sido uma comoção nacional. Primeira Miss Brasil, foi segundo lugar no Miss Universo por causa de duas polegadas a mais. Ora, para os padrões tupiniquins, duas polegadas a mais no quadril eram motivo para ganhar e não para perder.

Se alguém viu de perto, mesmo, foram dois dos participantes aqui destes criadores do “Poeira de Ourinhos”: Joaquim e Alfredo Bessa. A Miss Brasil ficou hospedada na casa deles.

Aconteceu que dona Virgínia Bessa era a presidente da Caixa Escolar do Grupinho, que fornecia material para as crianças pobres. A Caixa Escolar estava sem caixa. Conta o Joaquim que esse assunto foi conversado em sua casa, com o doutor Durval da Gama Filho. Ele era da Bahia. Sua irmã que morava no Rio, era amiga da Marta. Por que não trazer a Marta?

Deu certo!

Uma comissão que tinha, entre outros, dona Gininha Bessa e o professor Dalton Morato Vilas Boas, criou um baile em que seria escolhida a Miss Elegância, em benefício da Caixa Escolar. E aí foi envolvido também o Mário Cury, presidente do Grêmio.





Ela veio, segundo o blog Memória de Ourinhos, em 29 de junho de 1955, uma quarta-feira.

Lembra o Joaquim que ele e o pai foram recebê-la em Jacarezinho, onde pousava o avião da Real Aerovias. A Real era uma das patrocinadoras da Marta.

Em casa, as “crianças” foram deslocadas para outro quarto e nem jantaram com a celebridade. Marta teria naquele mesmo dia o baile. Só no dia seguinte, antes da viagem de volta, iria até o grupinho ouvir a homenagem pela aluna Zoé Machado Branco.

No baile, um sucesso. A Rádio ZYS7 transmitiu as homenagens, inclusive com discurso do Luciano Correia da Silva, um baiano enaltecendo uma baiana.

As fotos mostram: os casais dançavam e, nas voltas pelo salão, forçavam uma passagem pela mesa da miss, para ver de perto. Diminuíam o ritmo e olhavam.

Até eu, que nos meus 14 anos já podia entrar no Grêmio, quis ver de perto. Me entendi com os garçons e vi a miss de perto, bem de frente, quando coloquei a garrafa de champagne sobre a mesa.

Que frustração. Ela nem me olhou.





Nós, as modelos

Ana Lúcia Chiaradia

O que eu me lembro mesmo é que me arrumei lá no vestiário e desfilei em volta da piscina do Ourinhense com o maiô da Catalina.

Comigo, a Eda Zório, a Dora e outras.

Era noite, a iluminação não era lá essas coisas, mas sei que todo mundo me viu. Ia ter até um bailinho naquela laje que cobria os vestiários. Era um evento importante. Na laje havia o bar e uma área grande onde, apesar do piso de cimento, dava para dançar.

Hoje entendo que era um evento comercial e não um concurso entre beldades ourinhenses. A inauguração das piscinas, em 1958, levou a uma procura muito grande de maiôs. Não tenho certeza, mas posso deduzir que foi uma promoção da Catalina e da casa Alberto, a que vendia roupas finas.

Não foi para mostrar as belezas locais, mas mostrou. Eu tinha escolhido um maiô azul com detalhes em branco. Lá no bailinho, fizemos sucesso: todo mundo queria dançar com as estrelas. Já vestidas, claro.





Das outras não sei, mas fiquei muito orgulhosa do meu desempenho.

No dia seguinte, o representante da Catalina foi procurar minha mãe: queria autorização para que eu posasse profissionalmente para a marca, em São Paulo.

Mas naquele tempo, meninas com namorado ciumento, irmão bravo e mãe protetora não tinham muitas chances em carreiras mundanas...





O dentista assassino

Ana Lúcia Chiaradia

Sei que esse caso todo mundo se lembra.

Sei que era 24 de agosto. Não me lembro o ano.

Sei do dia porque é aniversário de minha sobrinha e o dia em que Pompeia foi dizimada.

Eu estava no jardim (agora Praça Mello Peixoto) sentada num lugar que não estava acostumada.

Era um banco que dava pra rua São Paulo. Tinha alguém comigo, mas não me lembro quem. Talvez estivéssemos olhando para as portas da loja “Ao Preço Fixo”. Tudo calmo, normal, quase almoço.

De repente ouvi um barulho forte, seco.

Depois uma correria e gente gritando. Não dava para entender o quê. E mais gente chegando.

O Miguelzinho, dentista, tinha dado um tiro no sogro, seu Lúcio, pai do nosso amigo Zé Lúcio.

Ele batia muito em sua filha, foi reclamar e levou uma bala. Foi assunto por muito tempo.





Coincidência?

Maria Alice Carvalho

— Maria Alice, Maria Elisa venham para cá! Chega de subir na balança!

A Drogasil, em Ourinhos, foi a primeira farmácia (e por muito tempo a única) a ter uma balança, daquelas de ponteiro. Era diversão para algumas pessoas na cidade se pesar lá. E a criançada abusava.

Mas o que chamou a atenção do gerente, seu Mário, o meu pai, foi o nome das crianças, Maria Alice e Maria Elisa. Foi falar com dona Lurdes:

—Nossa! A senhora nem imagina como fiquei emocionado! Tenho duas filhas que também se chamam Maria Alice e Maria Elisa. Faz quase 4 meses que não vejo minhas meninas. Estou com muita saudade!

E se apresentou: tinha sido gerente da Drogasil em Bebedouro, foi transferido para Ourinhos e estava esperando a família chegar de mudança.

Só Ourinhos mesmo, para ter uma coincidência dessas. Sinal de boas-vindas.

Até hoje eu tenho uma grande amizade com a minha Xará. Fazemos parte de um grupo batizado por mim como GAF, Grupo de Aposentadas Felizes.

É FESTA!



Somos de fora! Corre!

Visitantes não eram bem-vindos no baile

A festa era a taubaína

Tanbaína e não tubaína. Era a festa.

O ensaio da banda

Revistas, rádio, para preparar o baile.

Briga de galo

Um espetáculo de horror, mas gostavam.

O circo chegou!

A criançada fazia de tudo para ver o circo.



Somos de fora! Corre!

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Anos 50, sábado, dia de tentar uns flertes no jardim, no centro. Flerte é como se dizia paquera, naquele tempo. Terno branco, sapato bem lustrado. Bicicleta motorizada, que ele mesmo montou.

- Vamu, Durvalino!

Lá foram os primos, Sebastião e Durvalino, pelas ruas poeirentas, para a Praça Mello Peixoto.

Movimento fraco, no jardim. Nada de meninas.

- Tem baile na vila Odilon. Vamos prá lá? É longe, mas com a possante, chega rapidinho...

Vila Odilon era quase outra cidade. Foram: festa na Vila, muita gente, muitas moças bonitas, muita alegria. Mas os “nativos” não gostam de estranhos!

- Ei esses são de fora. Aqui não pode, ir se achegando não!

- Corre, vai dar encrenca.

Bendita bicicleta, eita motorzinho bão, pega de primeira. Deu prá correr em tempo.

Parece que era moda. Moços de Ourinhos iam para o baile em Chavantes e tinham até orgulho em dizer que apanharam. O mesmo para os moços de Chavantes que vinham para Ourinhos. Ou de Santa Cruz do Rio Pardo. Era bonito. E a moda pegava, também entre os bairros da cidade.





O Ensaio da Banda

Ana Lúcia Chiaradia

Ourinhos, anos 50. Rua Goiás, 106. Barra Funda (ou “para baixo da linha”, como diziam alguns)

Os ensaios da Lino Ferrari e sua orquestra eram lá. Seu Américo, o regente da banda municipal, sempre presente. Faísca, do contrabaixo, Ramiro, da bateria, além do Lino, claro, no sax eram estrelas.

Os ensaios eram para conhecer, escolher e ensaiar músicas que estavam fazendo sucesso no rádio. (Emilinha, Marlene, Nelson Gonçalves, Luíz Gonzaga, por aí.) O Lino comprava uma revista que trazia as partituras dos lançamentos. Lá pelas 8 da noite, o pessoal ia chegando: mesa posta, lanches e água que passarinho não bebe.

E o ensaio começava.

As músicas que iam animar as festas do Grêmio começavam ali. E eu, privilegiada, ficava sabendo antes o que ia tocar no próximo baile.

Nos anos 50, os bailes eram com orquestras que ficaram famosas. Cada cidade tinha a sua. Alguns exemplos de bandas da época: Nelson de Tupã, Marajoara de Bauru, Continental de Jaú, Pedrinho de Guararapes. Ourinhos não ficava muito atrás: Lino Ferrari era bem conhecido nas cidades vizinhas.





A festa é a taubaína

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Caiçara!!!!

- Mãe, o Mané veio trazê a taubaína!

Era a bebida para a festa que estava chegando. Uma caixa de taubaína era sagrada na Páscoa, no Natal, nos aniversários.

Como era gostoso! Não era só um ingrediente da festa: era a própria festa!

A fábrica ficava ali mesmo bem pertinho e a gente até sentia o cheiro da essência no ar. Ainda hoje sinto o sabor e o aroma daquele refrigerante que fez parte da mesa de muitos ourinhenses durante décadas. Era a alegria da criançada, quando o Mané entregador batia no portão gritando:

- Caiçaraaaaa!!!!

O costume era esse: refrigerante só em dia de festa. Ourinhos fabricava seus próprios refrigerantes. Os Ferrari fabricaram o guaraná Ivoram e a Tex Cola. Depois veio o Guaraná Caiçara. Taubaína tinha esse nome mesmo e não tubaína como se diz em São Paulo. Coca-Cola era uma coisa exótica. De fora mesmo era a Caculinha da Antártica





Briga de galo

Agenor Rossignoli

A Rinha de galo ficava ali perto do campo do Operário, prá baixo da linha, como se dizia.

"Di menor" não entrava. Nunca entrei.

O espetáculo era uma luta entre dois galos de proprietários diferentes. Havia aposta em dinheiro, em um galo ou outro. E tinha início o espetáculo de sangue, que só terminava quando um galo matava o outro. Ou quando um estava tão fraco que já não mais conseguia lutar. Era repugnante. Um verdadeiro circo de horror.

Eu cheguei a ver algumas brigas de galo, não na rinha, mas nas ruas da vila em que morava.

Parecia o nosso cenário político de hoje: só vai terminar quando um estiver morto ou completamente anulado para o combate.

E o povo ia ao delírio.





O circo chegou!

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Primeiro dia de aula do Zé Roberto.

Do grupinho em casa, na vila Perino, era perto. Ninguém se perdia. Dona Rosinha, ouvindo rádio, percebeu que já eram cinco da tarde.

- Cadê esse menino, que saiu da escola às quatro? A escola é um pulinho daqui!

Diziam que um tal de Zé Toicinho pegava criancinhas que estavam sozinhas pelas ruas. Preocupava. Bastião, o pai, trabalhava na Rede até 5 da tarde. Chegou ali pelas cinco e pouco:

- Bastião vai atrás, pelamordedeus. Eu não posso sair daqui. Tem os pequenos que não posso levar junto, nem deixar...

Lá foi o Bastião com sua moto preta, a 200 km por hora. Um caminhão vinha descendo a José Felipe do

Amaral. Moto e caminhão se encontraram exatamente no mesmo minuto naquela esquina da Floriano Peixoto com a José Felipe do Amaral.

Ferimentos, hospital, braço quebrado, moto destruída...



O circo chegou...



E lá pelas cinco e meia chega o Zé Roberto:

- Tava vendo o leão, o elefante, o macaco. Parei
prá ver circo que chegou!

No meio do caminho tinha um circo, tinha um
circo no meio do caminho!

As crianças iam sozinhas para a escola ou para qualquer lugar. Não havia perigo, nem mesmo de atropelamento, até por falta de veículos nas ruas. Ameaças, como essa do Zé Toicinho, eram, quase sempre, apenas lendas. A lenda do Zé Toicinho, esforçado carregador de sacos nas algodojeiras, dizia que sua preferência eram as moças, acompanhadas ou não.

É O QUE CONTAM!



Barbosinha, pequeno grande prefeito

Arara, fala Barbosa!

O que seria de nós sem dona Nair?

O bairro sem ela não teria graça.

O canavial do Barbosinha

Vai roubar cana, é isso que dá.

João Tramoia

Sempre um lucrinho a mais.

Primeiro emprego

Aos 13, hora de trabalhar.

Tropa, olhar à esquerda

Eram as meninas sensuais da cidade.

Passeio para os limpinhos

Sem televisão, um passeio com o pai.

Mais gêmeos? Não!

Doutor, me capa!

Mais uma do Vardemá Malero

Fechar a zona, sonho de ser rico.



Cândido Barbosa Filho, prefeito de 48 a 51, foi icônico na cidade. Entre suas façanhas, está o calçamento da cidade. E a conquista de uma freira da Santa Casa, que deixou o hábito por ele.

Barbosinha, pequeno grande prefeito

Joaquim Luiz Bessa Neto

Esta história foi contada pelo doutor Monteiro, que era vizinho do Barbosinha, no sobrado geminado na rua dos Expedicionários.

O Barbosinha tinha uma arara de estimação. Toda tarde, ele costumava colocar a arara na mureta do portão de sua casa e insistia:

- Fala: Barbosa! Fala: Barbosa!

Ana Lúcia Chiaradia

- Eu sou testemunha. Isso acontecia no entardecer, quando o Barbosinha vinha com a arara e se encostava no portãozinho de entrada conversando com quem passava. Todo dia.



- Na casa da frente, ficava o Seu Benício que também tinha sido prefeito de Ourinhos. O Benício era irmão da Dona Hercília, minha primeira professora.

Joaquim Luiz Bessa Neto

- Quando prefeito, e mesmo depois, o motorista dele, o Rolim, contava que o levava muitas vezes a São José do Rio Preto. Lá morava a ex-freira da Congregação da Imaculada Conceição, que tinha trabalhado por muitos anos na Santa Casa de Ourinhos.

- Ela era muito bonita, isso me lembro, eu ouvia as pessoas comentarem. Eu a chamava de 'Endiburga', mas o nome dela era outro.

- Ana, o seu Benício era o pai do Eurico Oliveira Santos, que foi nosso colega no IEHSO?

Ana Lúcia Chiaradia

- Era avô do Euriquinho.





Toda rua, todo bairro tinha sua figura típica. Dona Nair, que morava naquelas ruas empoeiradas da Vila Perino, era uma das mais conhecidas.

O que seria de nós sem dona Nair?

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Dona Nair já levantava, ali pelas quatro e meia da manhã, varrendo o terreiro, que era mesmo uma terra só, levantando uma poeira que avermelhava o ar. A plenos pulmões, entoava os hinos da igreja:

- Segura na mão de Deeeuus, segura...

Ali, naquele pedaço da vila Perino, ninguém precisava de despertador. E o galo tinha perdido o emprego. A vassoura era de piaçaba, cortada no mato ali perto da estrada. Vassoura que ela mesma fazia.

Canja para a Rosinha

A Rosinha teve neném? A dona Nair atravessava a rua e lavava todas as roupas da casa. Nem precisava sabão: tinha feito sabão em casa, “semana passada mesmo”. Está “fresquinho e espuma bem”...





E a canja para a hora da janta, feita com galinha caipira, criada no terreiro? A dona Nair levava, fumegante. Cheirava no quarteirão inteiro.

- Quero ver se a Rosinha vai dar leite pra o menino crescer gordo e forte!

Cadê o Paulinho?

- Paulinhoooooo!!

Com o povo acordado e os vizinhos atendidos, dona Nair tinha outras preocupações:

- Eu vou cuidar de achar o Paulinho que desde a hora do almoço que não vejo esse menino! Deve de tá aprontando alguma por aí.

- Eu nunca vi, esse menino não toma jeito, só sabe fazer arte. Pra ele parar em casa, tenho que esconder as roupas dele.

Muda de assunto:

- Sabe, eu tenho um irmão que é rico!

- O pai das minhas filhas é dono de circo. É um circo grande, desses que tem malabarista, trapezista, globo da morte, palhaço de monte. Leão, elefante. Ele mandou uma carta. Falou que, ainda esse ano, vem pra Ourinhos ficar um tempo com o circo aqui.

- Paulinhoooooo!





O canavial do Barbosinha

Carlos Ostronoff (Mocho)

Uma das atividades das minhas molecagens era roubar cana diretamente dos canaviais.

Diversas vezes fui exercer essa perigosa aventura com o Joel Guardiano, um herói cujas façanhas estão contadas no fim desta antologia.

O Hotel Líder, que ficava ao lado da minha casa, era morada de caixeiros viajantes e famílias que lá permaneciam até conseguir uma casa. Fiquei amigo de um garoto, filho de uma dessas famílias, que tinha o mesmo vício que eu: roubar cana.

Um dia, ficou sabendo que havia uma casa lá no caminho do Bosteiro do Rio Pardo, que tinha uma plantação de cana caiana.

Era, realmente, coisa de primeira.

Quando acabamos de desferir o primeiro golpe sobre a preciosa vítima, um “vurto” me bateu nas costas com ar de mau humor e repreensão.

Era o Barbosinha, dono da propriedade.





João Tramoia

Agenor Rossignoli

E existia o João Tramóia. O nome diz tudo.

Andava ali pelos sítios e fazendas de São Pedro do Turvo, que é vizinha de Ourinhos. Se você estivesse vendendo alguma coisa por 100, ele trazia um comprador, oferecendo uma pechincha por 120.

O Tramoia sabia argumentar. E tinha carisma, assim tipo Lula. Vivia disso.

Pois lá um dia um caboclo queria vender 50 cabeças de gado. O Tramoia apareceu, mas, desta vez, com um comprador que oferecia um preço menor. Negociação assim, lá na roça, dura de metade do dia a dia inteiro. Logo juntou a peonada em volta, assistindo.

O vendedor, casado há dois anos, não sabia que sua honrada senhora tinha sido a paixão da vida do Tramoia. Conversa vai, conversa vem, o Tramoia convenceu o comprador a pagar o preço pedido. Aliás, até um pouquinho mais.

Mas com uma condição: o vendedor tinha que incluir a mulher dele no negócio.

A peonada em volta seguiu a garrucha e a peixeira em tempo de evitar mortos e feridos.





Primeiro emprego

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Preciso ir no Bradesco, pegar dinheiro.
- Eu vou junto.
- Então vamu, que eu preciso vortá logo.

O pai trabalhava na Rede. Ganhava bem, mas já estava na hora da mais velha trabalhar.

- Olha fia vamu procurá um emprego pra você.
- Onde mãe?
- Aqui nessa loja, ó. Parece bom trabaiá aqui.

Entrou na Ouriloja, falou com o dono, Celso Silva, filho do seu Romeu Silva, gerente do cinema.

- Mas ela parece muito criança!
- Não, logo faz 14. É esperta, sabe bem fazê conta, já tá na terceira série. Muito trabaiadeira.

Não se arrependeu. Com 14 anos eu já tinha carteira assinada. E o patrão virou amigo da família.

A legislação permitia que crianças com 14 anos já pudessem trabalhar. E era hábito colocar os filhos, logo cedo, para “aprender ofício”. Mesmo em famílias que “não precisavam”.





Tropa, olhar à esquerda!

Agenor Rossignoli

Lembro que era domingo, duas horas da tarde, fim do exercício do Tiro de Guerra, no Rio Pardo.

Eu era o comandante do primeiro pelotão. Vínhamos marchando, todo mundo com fome.

De longe, vi duas mocinhas no portão de uma casa. Eram a Diana e a Dália, duas irmãs que eram o que hoje a gente chamaria de precocemente erotizadas. No jardim ou no cinema passavam pelos moços suspirando sensualmente e exalando feromônios.

Em frente à casa, dei voz: Olhar à esquerda!

A turma gostou, mas o sargento Seixas odiou. Deu mais uma hora de castigo. Canguru e flexão.

Se a Diana e a Dália por acaso lerem esta história, espero que gostem dos nomes que escolhi para preservar sua privacidade.

A mãe das duas meninas era a “filial” de um alto funcionário da cidade. Na “matriz”, tinha uma esposa, gorda, cheia de filhos. As visitas à “filial” eram, dizia-se, muito calorosas. Naquelas paredes finas, as meninas teriam, desde cedo, desenvolvido sua libido. E o doutor Urias não perdoava: fugiu da cidade com uma das filhas, a Diana.





Só passeia quem estiver limpinho

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Vamu. Fila pro banho. Já são quase cinco horas. Corre que daqui a pouco toca a sirene...

- Vera, nada de ficar cantando no chuveiro, molha o corpo, esfrega a sola do pé, que tá encardida.

- Vera!! Tem mais quatro pra tomar banho!

- Zé Roberto, cadê você?

- Eu não preciso tomar banho mãe, tô limpo, tô de chinelo, aí ó, o pé tá limpinho.

- Entra no banheiro moleque!!!!

- Anda logo a sirene da Rede já tocou.

Era assim. A sirene tocava, o pai logo estava em casa. Era sua vez de tomar banho. Aí, vinha o passeio. Quem estivesse limpinho, podia ir junto.

Sem televisão, o passeio era andar pela vila Perino, ir até a estrada, sentar, ver os carros passar.

E era muito bom.





Mais gêmeos? Me capa!

Ana Lúcia Chiaradia

O baterista da orquestra do Lino, o Ramiro, que tinha um bar logo no primeiro quarteirão da Barra Funda, muito divertido, animava a reunião.

Casado e tinha muitos filhos. E não poderia ser diferente: sua mulher sempre tinha gêmeos.

Não sei quantos.

Numa visita ao médico, com a mulher grávida, o doutor avisou: sempre que a mulher engravidasse de novo viriam gêmeos.

Na saída do médico, com a sala de espera cheia, despediu-se do doutor e bem alterado disse:

- Doutor, se for pra ter gêmeos toda vez que minha mulher engravidar prefiro cortar o saco.

Isso tudo ele contou, na roda do ensaio da orquestra. A turma, às gargalhadas, não perdoou e o apelido pegou:

- E aí, capão, tudo bem?





Vardemá Malero, outra

José Petit Rodrigues

Esta história quem contava era o Arnaldo Abuhamad, do Bar Central e do Restaurante Ypê.

Um dia, Vardemá Malero, figura pública na cidade, ganhou na loteria e foi comemorar no K1, famoso bordel na Ponte Mello Peixoto, na beira do Panema, divisa com o Paraná.

Eufórico, endinheirado, ordenou:

- Fecha a casa!

Era uma ordem sempre acolhida com muita alegria por aquelas esforçadas trabalhadoras. Afinal, alguém pagaria todas as contas da noite. Vardemá teve a noitada que pediu a Deus (a Deus?...).

Dia clareando, acertou as despesas, chamou um táxi e voltou à vidinha de maleiro, ganhando um troco aqui, outro ali.

Mas bateu a saudade e ele voltou ao K1. Alegria geral. Nem precisou mandar fechar a casa. As senhoras da casa fizeram isso e a festa comeu solta.





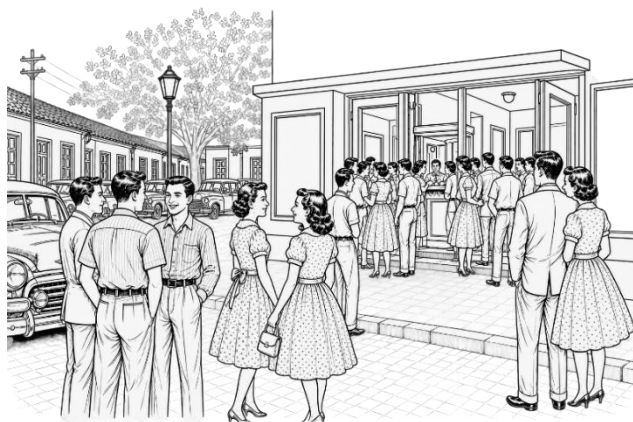
Só um detalhe: Vardemá não tinha mais bilhete premiado. Quando muito, o dinheiro contado para uma simples passagem pela casa.

O Arnaldo não sabia como terminou tudo. O que se sabe é que Vardemá continuou vivo desfilando pelos eventos ourinhenses.

Vardemá Malero era figura pública em Ourinhos. A cidade, como entroncamento ferroviário, tinha muitas pensões, para atender viajantes em trânsito. Cada pensão tinha o seu maleiro, que ficava na porta da estação disputando os potenciais hóspedes. Eram profissionais registrados na Prefeitura, usavam um boné, onde aparecia seu número de identificação. Tinham que se vestir conforme um código e usar, pelo menos, paletó. Vardemá, fora dos horários dos trens, circulava elegantíssimo por todos os eventos da cidade.



ESCURINHO DO CINEMA



O cinema para namorar

Era ponto de encontro, era tudo

Salto alto, trem, cinema

A gente se arrumava, como se fosse para o baile

As matinês no Cine Ourinhos

Era um ritual, que já começava ao sair de casa

Cinema, estreia sem graça

A expectativa, a festa estragada



O cinema: para namorar

Ana Lúcia Chiaradia

O cinema em si, tento me lembrar e me vem à mente aquela porta pantográfica dos elevadores franceses maravilhosos e que até hoje funcionam.

A bilheteria era em uma casinha tipo guarita.

Daí, tinha aquele senhor, o Gestapo, que recolhia os bilhetes e jogava em uma espécie de urna.

A entrada era um vasto espaço. Do lado direito ficava o escritório do seu Romeu. À esquerda, a bombonière da Dona Glorinha e sua famosa bala. Tinha um balcão onde a Odete servia os refrescos, também domésticos, preparados pela dona Glorinha.

Uma escada larga, cortinas e o salão. O espaço retangular era dividido em quatro blocos de assentos. A 'turma' ficava no quadrante da frente à direita, ao lado do banheiro feminino. A tela, antes do início do filme, era coberta por uma espécie de cortina onde apareciam as propagandas locais. Essa cortina me encantava.

Antes do início da sessão, esse sim, era o momento importante.

Alguns meninos ficavam de pé encostados à parede, esperando escurecer.





Era gradual, esse apagar de luzes.

Depois, iam sentar onde as namoradas estavam “guardando” o lugar. Coitado do Tufi. Esse era o momento de muito trabalho. Era um alvoroço só. E a lanterninha funcionava.

Costumávamos presentear nossos eleitos com bilhetinhos que levavam poesias de Augusto dos Anjos, do J.G. de Araújo Jorge e outros desse estilo.

Essa 'mágica' para minha turma terminou acho que por dois fatos. Começávamos a namorar 'sério' e o balcão, o chamado “lá em cima”, antes mal-visto, foi reformado e elevado a grande status, com poltronas confortáveis e bilhetes numerados.

Aquilo de “guardar lugar” não era mais necessário. Os bilhetes eram comprados com antecedência e os lugares escolhidos.

Tudo isso acabou com aquele tempo que deixa até hoje um sabor 'de quero mais'.

Mas foi bom!





Salto alto, trem, cinema

Cidinha Teixeira de Freitas

A gente se arrumava com gosto para a sessão das cinco e meia do domingo no Cine Ourinhos.

Meias finas, salto alto, vestido rodado, cabelo armado com ajuda de laquê.

Nossa casa era prá baixo da linha. A gente tinha que atravessar os trilhos, para chegar no cinema.

No caminho, alguns trechos eram calçados com pedra, outros já tinham asfalto. A gente se equilibrava nos dois, com aquele salto. E torcia para não haver nenhum trem manobrando ali na passagem de nível da rua Antônio Prado. Se não tivesse trem, o trabalho era mais simples: bastava se equilibrar naquelas pedrinhas que havia entre os trilhos.

Se tinha trem, os meninos se metiam pelo meio dos vagões. Mas nós, nobres donzelas, tínhamos que esperar. Cuidando da roupa, do penteado, da pose.

Afinal, depois do cinema a gente ainda tinha que dar umas boas voltas na praça e, quem sabe, até arrumar uns flertes, a paquera naquele tempo.





As matinês no cinema

Lisandre Castelo Branco

Desde o caminho, sempre ansiosa: comprar a 1/2 entrada, passar pelo olhar do Arlindo, e, mais lentamente, ir olhando quem estava.

Era o lado direito que importava.

Acomodar-me, em geral sozinha, mas às vezes, com amigas. Enquanto havia luzes também havia sons de conversas e risadas. No escuro, silêncio reverencial para a música de abertura: “Um lugar ao sol”.

Jornal com notícias antigas e atenção atenta.

Trailers de filmes na fila.

Enfim o filme e a licença para os pares se juntarem. E descobertas de atores, trilhas, direção, fotografia e os figurinos da Edith Head.

Por tantas lembranças, me encontro, mais uma vez, fascinada, na matinê em Ourinhos.





Cinema, estreia sem graça

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Estava me sentindo muito importante, ia finalmente saber o que era esse tal de cinema! Domingo à tarde. Uma turminha de meninas, todas as primas, indo ao cinema!

Eu, a mais nova delas, com 8 ou 9 anos, indo pela primeira vez! Vestidinho novo, sapatinho de verniz, meia soquete, laço nos cabelos!

Dizer que estava alegre era pouco, era o melhor dia da minha curta vida! Tagarelamos da Vila Perino até o grandioso Cine Ourinhos, na rua 9 de julho!

Que lugar lindo, chique.

Procuramos nossos lugares, depois de uma fila formada por uma molecada barulhenta! Apagaram-se as luzes, começaram as propagandas, o Canal 100, e eu lá, extasiada com aquelas imagens! Imagina o que isso significava para uma menina que nunca tinha visto nem tela pequena de TV. Imagine tela grande.

Começa o filme.

- Preciso ir ao banheiro! Vamos comigo?

Todas se levantaram para o passeio ao banheiro.





- Ah, mas é melhor marcar o lugar, senão, quando a gente voltar, vai estar ocupado.

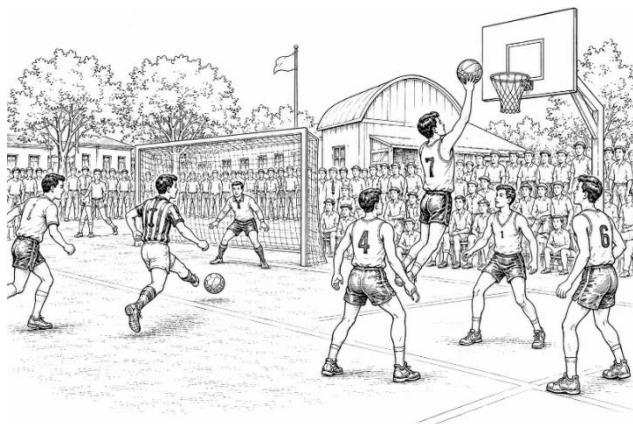
Tá bom, cada uma deixou alguma coisa para marcar: um lenço, uma bolsinha, uma carteira. Fomos todas juntas!

Quando voltamos, os lugares lá estavam vazios mesmo. Levaram tudo, inclusive minha bolsinha novinha, com alguns trocados!

O domingo terminou em choros e lamentações! E ainda querem que eu lembre qual era o filme!



É GOL! É CESTA!



Meu estádio é o mais importante

Monstrinho, mais importante que o Paratenaico

Também tem futebol

Caminhão, o beque do operário, anti-herói

Eu, o Monstrinho

Ganhei da oposição: 10 a zero.



Meu estádio é o mais importante

Álvaro Fernando Saraiva

É muita pretensão de um caburé do pé vermeio, da barranca do Panema, querer comparar o Estádio Paratenaico em Atenas com o nosso Monstrinho. Mas, para nós, os do pé vermeio, a comparação vale.

Os dois estádios foram construídos para um grande evento.

O estádio grego, construído em 566 AC, é considerado o primeiro estádio do mundo. Quando resolveram voltar com as Olimpíadas, foi reformado. Era todo em mármore, com estátuas de deuses e atletas. Foi a sede dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896.

O Monstrinho foi construído para os IX Jogos Abertos da Sorocabana, em julho de 1958.

Quer coisa mais importante que isso?





Também tinha futebol

Agenor Rossignoli

- Lá vai Albeja com a pelota, passa por um, passa por dois, passa por três... Desarma Caminhão!!!

Nas imediações do Café Paulista, Caminhão, beque do Operário, imitava a futura irradiação do jogo com o São Paulo, que ia ser no domingo. Ele, o herói, desarmava Gustavo Albella, argentino, que o povo pronunciava "Albeja", o melhor jogador de seu tempo.

No dia do São Paulo Futebol Clube 10 x Operário 0, Albeja marcou 6 e o Caminhão nem viu a cor da bola. Sumiu da praça por mais de um mês. Só aparecia o Manivela, que tinha começado junto com o Caminhão, no time da Vila Odilon.

De futebol daquela época, só me lembro vagamente do time da Coloninha, que ficava lá perto do cemitério e que tinha craques como o Pintado, o Paulo Cuié. O Durovaca e o Adonai coveiro não jogavam.

Tinha até o Daniel, grande promessa, que foi meu colega no grupinho. Foi jogar no Noroeste de Bauru. Estava para ir para o Santos, quando, num jogo em Bauru, saiu no tapa com o Pelé.

Aí mixou a contratação pelo Santos.





Eu, o Monstrinho

Álvaro Fernando Saraiva

“Oi, gente!

“Meu nome é Estádio Municipal, mas meu apelido é Monstrinho.

“O apelido foi dado por uma gente malvada, querendo me depreciar. Mas foi um tiro no pé deles. Esse meu apelido, que pegou, é usado com muito carinho por toda gente.

“Nasci em julho de 1958. Meus criadores foram o prefeito José Maria Paschoalick, o construtor Mário Cury e os esportistas da cidade.

“Minha gestação foi tumultuada. A turma da oposição, que usava o “Diário da Sorocabana” para me atacar, não dava sossego. Quase provocou um aborto. Muito da minha vida foi decidido no Café Paulista, dos irmãos João e Júlio Zaki. O bar era apelidado de Butantã, de tanto veneno que rolava por ali. Discutiam de tudo, definiam alguns rumos que, depois, iam para a Câmara apenas para serem homologados.

“Por fim, nasci.

“Não tinha o mármore de Atenas, mas tinha piso de madeira amendoim, vinda do Mato Grosso.





“Comecei minha vida com os Jogos Abertos da Sorocabana.

“A cidade ficou minha amiga, usava a palavra Monstrinho com afeto. E fiquei amigo da cidade.

“Foi aqui que o pessoal do Teatro de Arena montou a peça Eles Não Usam Black Tie. Foi aqui que o meio-pesado Luizão fez demonstrações de boxe, um pouco antes de sua expulsão do Grêmio Recreativo, por ter cometido o grave crime de dançar com uma moça branca, o que fez a cidade ficar famosa por seu racismo. Foram aqui as primeiras FAPI.

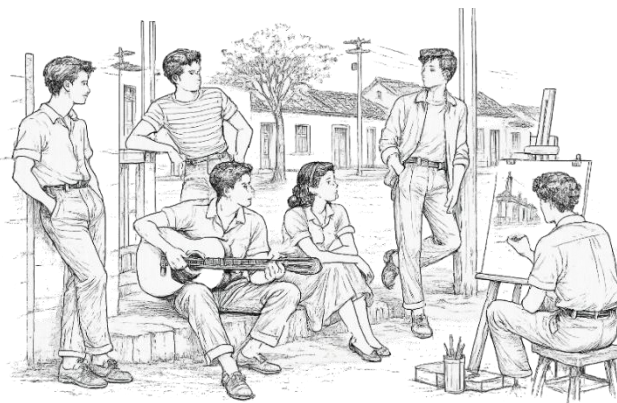
“Aqui em volta de mim, tudo cresceu.

“Tive o orgulho de hospedar as campeãs brasileiras de basquete, com seus cinco títulos!

“Olha o placar: Monstrinho, 10 x Eles O!”



PESSOAS



Paulo Aurélio Vivan dos Santos

Vizinhos do Mocho

Simão Oxman

Mauro Ostronoff

Joel Moacyr Silva Guardiano



Meu personagem predileto: Paulão

Joaquim Luiz Bessa Neto

Paulo Aurélio Vivan dos Santos, Paulo Boca, Paulinho Boca ou simplesmente Paulão.

Era assim que ele assinava suas crônicas e reportagens, escritas em folhas de caderno, logo de manhã, nas primeiras aulas da velha Quarta A de 56. Criava e descrevia situações com personagens da cidade ou da escola em situações hilárias. Às vezes, ele também se colocava nas cenas, fazendo piada consigo mesmo. Como personagem, adotava o nome de Paul Mouth.

Terminava a crônica, destacava a folha do caderno e passava para mim. Até hoje não sei por que eu. Eu lia e passava para o vizinho que passava para o vizinho. Enquanto o professor, na sua inocência, continuava a aula, a turma escondia o riso com as mãos no rosto. Eu deveria ter guardado as “reportagens”, mas nem lembrei. Apesar disso, sobreviveram algumas.

O Paulão foi o criador de frases como a “mil novecentos e antes” entre outras. Era o único que chamava o Carlos Ostronoff pelo nome completo: Agostinho Mocho, da revista Mindinho.





Deveria ter seguido uma carreira de comunicações, poderia ter sido um novo Estanislau Ponte Preta. Mas seu negócio era o esporte.

Preferiu fazer educação física. Chegou a ser técnico de uma das equipes menores de basquete do Corinthians, mas depois voltou para o interior.

Foi morar em Ilha Solteira, como professor de Educação Física. Tentou ser empreendedor. Comprou uma olaria, que não conseguiu pagar por causa do plano verão. Montou um camping e, na administração desse empreendimento, desentendeu-se com sua mulher. Separado, voltou para Ourinhos.

Esteve na Secretaria de Esporte da Prefeitura Municipal de Ourinhos. Era técnico do time de basquete da cidade. Discutia com todo mundo, brigava, ficava de mal. Era uma faceta da sua personalidade. Pouco depois, voltava às boas.

Diabético, relaxado com a saúde, teve um dedo do pé amputado. Acabou falecendo precocemente.

Errou na carreira: poderia mesmo ser um Estanislau. Hoje, recordo daquela turma de 56 como uma grande família, vejo os colegas como irmãos. Nos divertimos muito, mas também estudamos.

Era outro mundo que ficou para trás "em mil novecentos e antes".

Paulo Boca Vivan dos Santos. RIP.





Meus vizinhos, meus personagens

Carlos Ostronoff (Mocho)

Tive grandes e diversos vizinhos que eram parte do cotidiano, do folclore e dos falatórios da cidade.

Tinha, por exemplo, a família de Antônio Zaki, dono do Líder Hotel, que foi o rei Momo do carnaval por várias vezes. Tinha o Jorge do Bazar e o Bazar do Jorge. Tinha a família Cassetta, da alfaiataria, o Baiano da Bicicletaria, a família Capuano, e, no quarto de hotel, acima de nossa casa, a família Ravicz.

Os hóspedes frequentes do Hotel, ao lado de casa, eram caixeiros viajantes. Um deles chamava a atenção: era assumidamente gay, coisa rara naquele tempo. Era o Geraldinho, representante das molas Sweden, que anunciava insistentemente: “as molas Sweden nunca cedem, mas eu cedo”.

O Baiano era um cara de grande visão comercial. Ocupava um espaço de 10 m², onde alugava e dava manutenção a bicicletas. Mas também importava bicicletas desmontadas em caixas, montava e vendia a preços imbatíveis, deixando o sanfoneiro Chiquinho Saladini, seu concorrente, desesperado.

Mais tarde, ele ampliou sua carteira, passando a vender eletrodomésticos. Um exemplo de empreendedor.





Trabalhei com ele, aos 10 anos, auferindo um volumoso estipêndio de um cruzeiro por mês.

Outra figura não muito gentil era o Homero Capuano. Uma das suas diversões era criar canários em gaiolas. Um bel giorno, quando foi alimentar as avezinhas, encontrou apenas penas (epal) na gaiola. Chegou às lágrimas. Como os quintais no entorno eram habitados por gatos, eles foram nomeados responsáveis.

Homero armou-se de um pesado porrete e saiu sacrificando os bichanos a pauladas. Homero, sendo uma figura vistosa, dotada de belos bíceps, fazia questão de colocá-los em evidência, deixando as moçoilas suspirando. Gostava de comparar sua musculatura com a dos menos favorecidos pela genética. Certa vez convidou o Joaquim Bessa para uma comparação, mostrando o bíceps: “compara Bessa, compara Bessa”.

E tinha a figura do Marcos Cassetta, filho do alfaiate vizinho. Um cara gostosão, segundo o Joaquim, mas que não gostava de assim ser chamado. Chegou a ameaçar o coitado do Joax com a aplicação de um corretivo. Pertencia à tribo que, naquela época, andava com o colarinho da camisa levantado, alcunhada de “mascarados”. Era um bom jogador de futebol, tendo sido convocado para integrar a brava seleção de estudantes que, disputando um campeonato nacional, conseguiu o maior feito esportivo da história do município e arredores: ganhou a taça!





Contam que o nosso herói teve uma participação das mais brilhantes e foi eleito o melhor atleta do campeonato. Um lance raro serviu para essa honraria: na final do campeonato, a partida com placar desfavorável para nossas hostes, faltando dez minutos para o término, foi encarregado de cobrar um escanteio. Marcou um gol olímpico. Provocou a torcida contrária e levou uma vaia homérica, tão homérica quanto o bíceps do Capuano. Mas não se abalou: acenou para a torcida, pedindo calma como que prometendo: “você ainda vão ver”. No final da prorrogação, o jogo empatado, foi novamente cobrar um escanteio. Marcou outro gol olímpico. Teve que sair da arena escoltado.

A recepção aos heróis foi montada da maneira que os filmes de Fellini gostam de explorar: tudo muito exagerado e de mau gosto. Palanques, autoridades, militares, políticos, religiosos, pais, mães e pouca audiência. A prestigiada banda musical foi convocada para dar mais brilho ao evento. Entre os diversos oradores que usaram e abusaram da palavra, uma fala ficou na memória da galera: a do Vereador Pimentel. Sua monumental frase até hoje ecoa pelos cantos.

“As autoridades políticas e altas patentes militar homenageiam esta plêiade de atletas de nossa terra, colocando-nos no “Pantaleão do país, cuica do mundo”.

O Presidente da Câmara, redator do manifesto, chamou o Pimentel e disse ao pé do ouvido: “não é cuica, é quiçá! Não é Pantaleão, é Panteão”.





No final da festa, o repórter Norton Cunha, ZYS-7, foi entrevistar o Maestro Orlando Silva, regente da afinadíssima Banda Lira do Vale:

- Maestro, sabemos que a banda vai fazer uma excursão por diversas cidades da região. O senhor poderia informar qual o itinerário da banda?

- Pois não, vou repetir: o itinerário é calça azul e camisa branca.





Simão, o venturoso

Carlos Ostronoff (Mocho)

Fomos amigos sem muita chegada na fase ourinhense.

Viajamos no mesmo trem, na mudança para São Paulo. Morávamos no Bom Retiro, àquela época um gueto judaico. Ficamos sendo unha e carne. A gente se encontrava para frequentar a Casa do Povo, o Bar do Miro, jogar sinuca, frequentar bailinhos, tomar cachaça de madrugada.

Ele tinha as garotas dele e eu, uma só. Ele era bem apessoado, para não dizer bonito, pois não pega bem homem macho usar esses termos.

Era o Simão Oxman, apelidado de Simão Lepra por ser homônimo de Simão, o Leproso, personagem da Bíblia. Primogênito de Isac e Ethel, viveu em Ourinhos até os 17 anos.

A bem da verdade, nosso herói nunca foi de levar coisas sérias a sério. Em Ourinhos era um mau aluno. Tomou aulas particulares com o Ravicz, para sobreviver na Escola.

Em São Paulo, seguiu na mesma batida. Nunca escondeu que seu objetivo na vida era se casar com uma judia rica. Mas, para tanto, precisava apresentar no currículo um curso superior, que era a principal exigência na bolsa matrimonial judaica. Conseguiu a duras penas se formar em economia.





Ficou, portanto, elegível para conseguir uma noiva, o que ocorreu sem muito esforço. A festa do seu casamento foi um evento com orquestra de violinos, cardápio sofisticado e finas pompas.

Tiveram dois filhos, um deles, hoje, festejado cineasta residente na Espanha. Seu casamento durou apenas os dois filhos. Separado, voltou ao Bom Retiro vivendo de expedientes, um deles estampar camisetas com estampas piratas. Me contou, com certo orgulho, que teve que fugir pela janela, de uma batida policial.

Ao longo das suas peripécias montou uma fábrica de equipamentos de acupuntura por choque elétrico, para animais. Com a morte do sócio ficou proprietário da empresa. Foi quando levou a vida a sério.

Tive a oportunidade de assistir a uma palestra num evento que organizou, para pecuaristas, em que o palestrante era um francês, vindo especialmente para o evento. O Simão me encarregou de efetuar o pagamento de US\$10 mil ao francês. Após o evento, fomos todos a um restaurante onde tive que fazer sala e sustentar o papo com o conferencista.

Há uns 15 anos, o seu filho cineasta veio filmar um documentário sobre o pai, Simão.

E acabou filmando seus últimos dias.





Maurão da Bessarábia

Carlos Ostronoff (Mocho)

Este apodo vem do fato de a sua (nossa) mãe ter nascido Bessarábia, hoje Moldávia. Mauro nasceu em Ourinhos dois anos antes que este seu irmão. Foi um garoto precoce. Aos dois anos foi à estação da Estrada de Ferro Sorocabana, pegar um trem para São Paulo. Desde cedo mostrava seu pendor intelectual, encantando os caixeiros viajantes, com conhecimentos sobre o andamento da Segunda Guerra. Na juventude teve que carregar a cruz de ter um irmão mais novo muito chato. Chegamos a ficar meses sem nos falarmos. Coursou do primário até o 2º científico em Ourinhos, e, como era comum em nossa família, partiu para a capital, onde o “campo era mais vasto”.

Em SP, mostrou ser um cara folgado e meio distraído. Num dos exames vestibulares dos quais participou, perdeu o horário do início da prova.

Sem muito esforço, após se preparar no cursinho do Anglo Latino, foi aprovado para a Engenharia de Produção da FEI, com opção para Química, que cursou brilhantemente.

Era muito boa praça. Dotado de inteligência crítica, humor contagiante e cultura acima da média, era o tipo do cara em torno do qual se formavam as rodinhas nos convívios e eventos sociais.

Durante o curso universitário morou em nosso apartamento no Bom Retiro, o “gueto” judaico.





Frequentou a Casa do Povo, que reunia a inteligência comunista do bairro e alhures. Foi membro do PC paulistano, chegando à secretaria.

Até hoje não entendi como não foi perseguido pela revolução de 64. Nosso quarto era armazém de documentos, formulários e propagandas com o timbre da foice e martelo. Por afinidade ideológica e cultural, encontrou sua cara metade na Casa do Povo graças a uma intervenção do seu irmão mais novo.

Logo que se formou, casou-se, passou no concurso da Petrobras e foi deslocado para o curso de petroquímica no Rio. Em seguida foi transferido para o setor de engenharia em Cubatão.

Teve 2 filhas e um filho, todos brilhantes em suas formações. Foi professor de química na FEI e na Mauá. Seu caráter irrequieto culturalmente o levou a cursar psicologia, após os 60 anos. Esse mesmo comportamento o introduziu nas religiões hinduístas e era comum encontrá-lo usando um colar com a fotografia do seu guru Raginish, bata e rabo de cavalo.

Durante um tempo teve uma amante japonesa, relacionamento que não escondia socialmente.

Faleceu em condições lamentáveis de saúde mental e física. Faz falta em nosso meio.





O Cabecinha, também chamado Joel Guardiano, não era da mesma classe de escola que os oitentões deste grupo. Mas tinha intensa convivência. Era da panelinha. Poderia ter sido um grande goleiro, mas foi professor universitário em Curitiba. Teve uma vida cheia de passagens que devem ser contadas. E por que Cabecinha? Nos anos 50, uma grande estrela do Corinthians era o goleiro Cabeção. Talvez seja por isso. Aqui, três de seus amigos prestam sua homenagem e uma amiga se despede.

Ô, Cabecinha, já vai? É cedo, rapaz!

Carlos Ostronoff (Mocho)

Morava em uma casa simples, prá baixo da linha, perto da cadeia, na rua do cemitério. Havia um certo preconceito contra os que moravam abaixo da linha: eram “pobres”. Essa etiqueta de pobre pregada em sua mente perdurou até sua morte.

Conheci o Joel aos 10 anos, ele 3 anos mais velho. Para a admissão ao ginásio Horácio Soares, entrei no curso de admissão do colégio Santo Antônio. Ele também. Me admirava a facilidade que tinha na resolução dos problemas de matemática.

Passamos a nos frequentar. Ficamos muito amigos, praticando juntos as atividades próprias da idade: pesca e natação no Panema, roubo de cana, passeios de bicicleta, escalada da Pedra Criminosa.





Desde moleque pegou gosto por esportes: era goleiro excepcional e um medíocre jogador de beisebol. Não me lembro que ele tivesse outro amigo. Após entrarmos no ginásio, novas amizades vieram: Joaquim Bessa, Roberto Pellegrino, José Carlos Marão, Walter Abujamra. Ele se integrou ao grupo, sempre com a etiqueta de “pobre” moldando seu comportamento. Talvez, com a intenção de chamar atenção.

Uma vez, no final de uma animada festa no Cine Clube, subiu na marquise e se pôs a fazer um discurso sem nexos. Só parou quando um “adulto” gritou: - “Desce daí fióte de meteoro”.

Um dia, a vida universitária nos separou.

Por três vezes voltamos a nos encontrar.

A primeira, eu com 26 anos, tendo cumprido com êxito uma missão na Bahia, fui descansar uns dias viajando de carro para o Sul. Ele, professor de química na Universidade, casado, a esposa grávida a poucos dias do parto. Com um espírito irrequieto, sempre procurava algum caminho nas artes: poesia, pintura, escultura.

Tendo que retornar ao meu emprego, em São Paulo, ele resolveu me acompanhar, mesmo estando próximo o parto do seu primeiro filho. Eu num Fusca, ele num Gordini. O filho nasceu em sua ausência.

A segunda vez, já casado, fui com a primeira esposa visitá-lo.





A terceira vez foi desastrosa. Eu, recém-operado da bexiga, fui com a Vera, minha segunda esposa, fazer um giro no Sul, com escala em Curitiba. Ele havia conseguido com sua ex-esposa um quarto para nos alojar. Não sabíamos.

Chegando, nos hospedamos em um hotel. Ele veio ao nosso encontro, fazendo questão de que ficássemos na casa da ex. A Vera explicou que não seria uma boa ideia, pois, em decorrência da cirurgia, eu tinha incontinência urinária e poderia mijar na cama, o que não pegaria bem. Este fato destruiu uma amizade de mais de 50 anos. Ficou meu inimigo, nos esnobando o tempo que passamos em Curitiba. Sua ex-esposa fez as vezes de cicerone. Ele nos ignorou. A ofensa foi tão grande que até inimigo se tornou.

Um dia, talvez arrependido do rompimento da nossa amizade, me enviou uma escultura em madeira, com grande densidade artística.

Faleceu em Curitiba vítima de lesão maligna.

Joaquim Luiz Bessa Neto

Quando o Cabecinha estava hospitalizado em Curitiba, pedi para o Marinho Branco o telefone do hospital. Liguei, a filha dele atendeu, falei quem eu era e ela passou para ele:





- Ô, Joaquim, tenho uma coisa muito importante para dizer prá você, mas me esqueci.

Era o Joel.

Aí, me falou sobre a cirurgia que tinha sido a partir das narinas até o céu da boca. Começou com sangramento pelo nariz. Não alonguei a conversa, a voz dele já cansada.

Uma vez, nos longínquos anos cinquenta, convidei Joel para meu aniversário. Lá chegando me pediu para subir para o andar de cima. Subimos. Lá ele fez um discurso para mim.

Era assim o Guardiano.

José Carlos Marão

O Cabecinha apareceu no primeiro treino, arrasou no gol, tirou o lugar do Crodo, que era dos Azevedo, lá da “Voz do Povo”.

Coisa de 50 ou 51, seu Bório, dono da rádio ZYS7, resolveu fazer um timinho de futebol: o Atlético Infantil S7. Por quê? Nunca soube. Para mim foi muito útil, pois me livrou de vexames futuros: aprendi que jamais deveria voltar a um campo de futebol. Mas valeu para conhecer o Cabecinha e o Mário Mizato, que driblava feito um doido, chegava sozinho no gol e foi nosso colega até a famigerada 4ª série A.





E encontrava o Cabecinha todo domingo, na missa das 9, que já era na igreja nova, cheia de andaimes e com chão de terra. Devotos que éramos, ficávamos sentados nas toras da serraria dos Mori, que era na frente da Igreja, até a missa acabar.

Levamos grandes papos. Preocupação dele:

- Não quero ser um moleque de rua.

Já no ginásio, me mostrava os poemas dele. E eu, com minhas veleidades da época, mostrava os meus. O mundo perdeu dois grandes poetas medíocres.

Passados mais de 50 anos, ele me descobriu em Águas de São Pedro, ligou de Curitiba. Já existia internet e Google. O homem sabia tudo da minha vida.

Já tínhamos nosso grupo que se correspondia. Passei os dados do Cabecinha, que foi na hora incluído, tomou conta do pedaço e deu nome ao grupo: Beco.

Retomamos nossas conversas sobre o sentido da vida como se tivessem sido interrompidas ontem. Um dia me ligou, eu estava com 68 anos:

- Ô Marão. Tô sabendo que você vai fazer 69 pela primeira vez.

Era o Joel.





Ô, Cabecinha...

Ana Lúcia Chiaradia

Joel, como você está?

Foi assim que, minutos atrás, olhando o céu, te procurei numa estrela, ávida por notícias e com ânsia de matar saudade. Que nada! O único consolo é que daí, com certeza, você me encontra neste mundo. Nem precisaria dizer como vou, mas vá lá: estou bem e tenho me permitido sonhar, planejar, estudar hipóteses pensando nelas viáveis, este jeito que você conheceu.

Estou bem, mas meio sem palavras: esta é a minha despedida e é muito forte a angústia desta separação. Mas é preciso que assim seja.

Vou terminar citando Einstein: ‘A percepção do desconhecido é a mais fascinante das experiências’.

Isso, aprendi com você e você também aprendeu comigo. Quero que você esteja feliz por aí. O lugar deve ser lindo!

Só por isso abro mão de você...

***Até daqui a pouco,
Cabecinha.***

